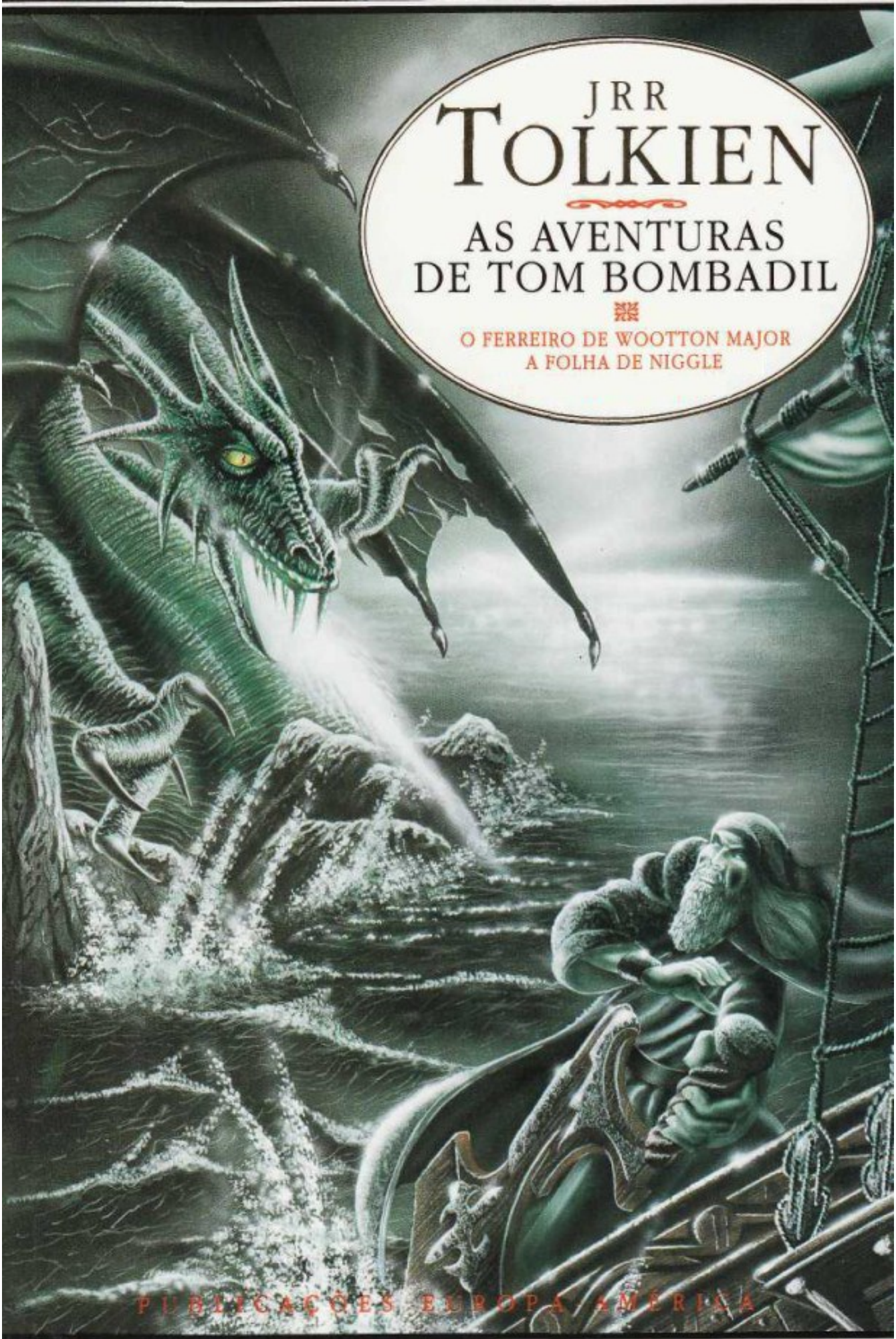
JRR
TOLKIEN
AS AVENTURAS
DE TOM BOMBADIL
O FERREIRO DE WOOTTON MAJOR
A FOLHA DE NIGGLE
PUBLICAÇÕES EUROPA AMÉRICA

J. R. R. TOLKIEN

AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL E OUTRAS HISTÓRIAS

6ª edição

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMERICA

Título original: The Adventures of Tom Bombadil, «Leaf by Niggle» de Tree and Leaf, Smith of Woolton Major.

Traduções:

a) Tradução livre de Ersílio Cardoso de The Adventures of Tom Bombadil

b) Tradução dos restantes trabalhos: Fernanda Pinto Rodrigues George Allen & Unwin, Ltd 1962 (The Adventures of Tom Bombadil) George Allen & Unwin, Ltd 1967, 1975 (Smith of Wootton Major) George Allen & Unwin, Ltd 1964 (Tree and Leaf)

Capa: estúdios P. E. A.

ÍNDICE

PREFÁCIO

AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL

SMITH DE WOOTTON MAJOR

A FOLHA DE NIGGLE

PREFÁCIO

O Livro Vermelho contém um grande número de versos. Alguns estão incluídos na narrativa A Ruína do Senhor dos Anéis ou nas histórias e crônicas anexas: muitos outros encontram-se em folhas soltas, enquanto outros ainda estão descuidadamente rabiscados em margens de livros ou espaços brancos. Das últimas, a maior parte não tem sentido, mesmo quando se trata de fragmentos legíveis ou semi-recordados. Dessas notas marginais são tirados os nºs 4, 11 e 13; embora melhor exemplo do seu caráter geral seja o rabisco na página que contém *Quando o Inverno começa a morder*, de Bilbo.

O vento tanto fazia girar um galo dum cata-vento,
Que ele não podia segurar o rabo para cima;
A geada tanto enregelou o galispo-tordo,
Que ele não conseguia apanhar um caracol.
"O meu caso é grave", gritou o tordo.
E: "Tudo é vão", respondeu o galo;
E, assim, ambos soltaram o seu lamento.

A presente seleção é tirada dos trechos mais antigos, ligados, principalmente, a lendas e brincadeiras do Condado, no fim da Terceira Era, que parecem ter sido feitos por Hobbits, especialmente por Bilbo e os seus amigos, ou pelos seus descendentes imediatos. A sua autoria é, contudo, raramente indicada. Os que estão fora das narrativas encontram-se em várias mãos e foram, provavelmente, escritos a partir da tradição oral.

No Livro Vermelho, diz-se que o n° 5 foi feito por Bilbo, e o n° 7 por Sam Gamgee. O n° 8 está assinado SG, e pode aceitar-se a imputação. O n° 12 está também assinado SG, embora, no máximo, Sam possa ter retocado um texto antigo do bestiário cômico, que os Hobbits parecem ter apreciado tanto. Em O Senhor dos Anéis, Sam afirma que o n° 10 era tradicional do Condado.

O n° 3 é um exemplo de outro gênero, que parece ter divertido os Hobbits: um poema ou história que volta ao seu próprio princípio e que pode, assim, ser recitado até que a audiência se revolte. Vários espécimes encontram-se no Livro Vermelho, mas os outros são simples e pouco elaborados. O n° 3 é o mais longo e mais elaborado. Foi, evidentemente, feito por Bilbo. O seu relacionamento com um longo poema recitado por Bilbo, como composição sua, em casa de Elrond, assim o indica. Originalmente uma nonsense rhyme{1}; encontra-se, na versão de Valfenda, transformada e adaptada, um tanto incongruentemente, às lendas élficas numenorianas de Earendil. Provavelmente porque Bilbo inventou os seus esquemas métricos e tinha orgulho deles. Não aparecem noutros trechos do Livro Vermelho. A forma mais antiga, aqui apresentada, deve pertencer aos primeiros dias depois do regresso de Bilbo da sua viagem. Embora se note a influência de tradições élficas, estas não são tratadas a sério e os nomes empregados. (Derrilyn, Thellamie, Belmarie, Aerie) são puras invenções no estilo élfico e não são, de modo nenhum, élficos.

A influência dos acontecimentos do fim da Terceira Era e o alargar dos horizontes do Condado por contato com Valfenda e com Gondor encontra-se noutros trechos. O n° 6, embora aqui colocado a seguir ao poema O Homem da Lua, de Bilbo, e a última poesia, a n° 16, deviam derivar, em última análise, de Gondor. Baseiam-se, evidentemente, nas tradições de homens, que viviam em regiões costeiras e estavam familiarizados com rios que desaguavam no mar. A n° 6 fala, efetivamente, de Belfalas (a ventosa baía de Bel) e da Torre voltada para o mar, Tirish Aear, de Dol Amroth. A n° 8 cita os Sete Rios que comam para o mar no Reino Meridional e emprega o nome gondoriano, de origem élfica, Fíriel, mulher mortal{2}. No Langstrand e em Dol Amroth há muitas lendas acerca das antigas habitações élficas e do porto da foz do Morthond, do qual navios com rumo ao ocidente tinham navegado

até à queda-d'água de Eregion, na Segunda Era. Estes dois trechos, portanto, são apenas novas redações de temas do Sul, embora possam ter chegado às mãos de Bilbo, através de Valfenda. A n° 14 também está ligada à cultura de Valfenda, élfica ou numenoriana, que se refere aos dias heróicos do fim da Primeira Era; nela parecem ressoar alguns ecos do conto numenoriano de Túrin e Mîm, o Anão.

Os n° 1 e n° 2 vêm, evidentemente, da Bucklândia. Mostram melhor conhecimento desse país e do Dingle, o vale frondoso do Withywindle{3}, do que qualquer dos Hobbits a oeste do Marish provavelmente possuía. Mostram também que os Bucklanders conheciam Bombadil{4}, embora, sem dúvida, compreendessem tão pouco os seus poderes como o povo do Condado compreendia os de Gandalf: ambos eram considerados pessoas benevolentes, misteriosas, talvez, e imprevisíveis, mas cômicas, em todo o caso. A n° 1 é a composição mais antiga e é construída sobre várias lendas respeitantes a Bombadil. A n° 2 emprega tradições semelhantes, embora a ironia de Tom lhe dê para troçar dos seus amigos, que a recebem divertidos (com um leve toque de receio); mas foi possivelmente composta muito mais tarde e depois da visita de Frodo e dos seus companheiros à casa de Bombadil.

As poesias, de origem hobbit, aqui apresentadas têm, em geral, dois aspectos comuns. Têm uma preferência por palavras estranhas e por truques de métrica e de rima — na sua simplicidade (a das palavras, métricas e rimas) os Hobbits consideravam, evidentemente, tais coisas como virtudes ou encantos, embora fossem, sem dúvida, meras imitações de práticas élficas. São também, pelo menos superficialmente, ingênuas e frívolas, embora se possa, por vezes, suspeitar que o seu conteúdo é mais alguma coisa que aquilo que nos chega ao ouvido.

A n° 15, por certo de origem hobbit, é uma exceção. E a última composição pertence à Quarta Era; mas está aqui incluída, porque mão desconhecida lhe rabiscou por cima Frodos Dreme. E isto é digno de nota e, embora seja improvável que tenha sido escrita pelo próprio Frodo, o título mostra que se ligava aos negros e desesperados sonhos que o acometeram em Março e Outubro durante os seus três últimos anos. Mas havia certamente outras tradições relativas aos Hobbits que

foram tomadas por "loucura delirante" e, se é que voltaram, foram consideradas estranhas e incomunicáveis. A idéia do mar estava onipresente nos recessos da imaginação hobbit; mas o receio dela e a desconfiança em relação a toda a cultura élfica eram o estado de espírito prevalecente no Condado, no fim da Terceira Era, e que não foi inteiramente dissipado pelos acontecimentos e mudanças com que a Era terminou.

AS AVENTURAS DE TOM BOMBADIL

1

O velho Tom Bombadil era mesmo um tipo alegre:
sua jaqueta era azul e as botas amarelas;
verde a faixa, de boa pele os calções;
no chapéu pontiagudo, punha de cisne uma pena.
Vivia lá pra colina donde corre, por sinal,
o rio Withywindle da sua fonte pro vale.

No estio, o velho Tom passeava pelos prados,
a colher flores silvestres, a correr atrás das sombras,
a apanhar os abelhões nas doces flores pousados
ou sentado à beira d'água, pelas covas e pelas lombas.

A sua barba comprida parece a água beber;
vem de lá a Baga d'Ouro, filha do Rio-mulher;
puxa Tom pelos cabelos: vai-se no lodo rojar,
por sob os lírios brancos, o pobre a gorgolejar.

"Ei, Tom Bombadil! Pra onde vais?", pergunto eu.

Disse a fada Baga d'Ouro: "Com as bolhinhas que fazes

assustas os meus peixinhos e o mergulhão, lá no céu;

e molhas – olha que pena! – a pena do teu chapéu."

Para seres linda menina, traz-ma cá,

diz Bombadil. Não m'interessa vadiar.

Mergulha! Vai lá pras sombras onde o sol não chegará,

sob a raiz dos salgueiros, linda dona, dormitar!

Pra casa da sua mãe, lá bem do fundo do rio,

nadou bela Baga d'Ouro; mas Tom não a seguiu:

sobre a bela sombra dos salgueiros assentou-se no chão mol', secando a pena molhada e as suas botas ao sol.

Acordou Homem-salgueiro, começou o seu cantar,

e pôs o Tom a dormir com seu canto de embalar;

numa fenda o apertou: taque! E logo a fechou;

preso ficou Bombadil e a pena de enfeitar.

"Ah, Tom Bombadil, em que estás tu a pensar,

a espreitar pra minha árvore pra a beber me observar;

e com essa tua pena coceguinhas me fazer;

a pingar pra minha cara como se fora a chover?"

“Deixa-me lá ir embora, ó velho Homem-salgueiro!
Sinto-me mal instalado, nem sequer há travesseiro
nestas raízes torcidas. Vai beber do rio frio!
E vai dormir o teu sono como faz Filha-do-rio!”

Homem-salgueiro o soltou, quando ouviu assim falar;
e a casa de pau fechou, a ranger, a resmungar,
dentro da árvore a murmurar. Do salgueiro Tom saiu
e ao longo do rio subiu. Na orla da floresta
se sentou e pôs à escuta das avezinhas em festa.
As borboletas voavam, brincando no azul do céu,
até que as nuvens vieram e o Sol desapareceu.

Então, o Tom correu, que já a chuva caía,
pondo aneizinhos na água, enquanto o rio corria;
pingaram gotas das folhas com o vento que soprou;
pra um abrigo improvisado o velho Tom saltou.

Sai de lá amigo texugo, que a visita não esperava,
com seus olhinhos piscos; por baixo a terra minava

com a mulher e os seis putos. Pelo casaco o agarraram
e lá pro fundo dos túneis a bem ou mal o levaram.

Na sua casa secreta, resmungando se sentaram:
Com que então, seu Bombadil, assim se entra aos trambolhões,
forçando a porta da frente da casa dos texugões?
O pior é pra sair, pois nunca o conseguirás do lugar onde te levaram.

"Pois, meu velho texugão, mostra-me a porta do ninho,
que já tenho pouco tempo para me pôr a caminho.
Mostra-me a porta traseira pelas roseiras enfeitada;
depois, limpa-me essas patas e o nariz à petizada.
E volta para a palha do teu travesseiro,
como a bela Baga d'Ouro e o velho Homem-salgueiro!"

"Então", diz a família texugo, "só tens que nos perdoar!"
E pelo seu jardim de espinhos o tornou a acompanhar.
Logo voltou a esconder-se, toda ela a tremelicar,
tapando todas as portas com terra que foi juntar.

A chuva tinha passado. O céu de novo luzia

e, a caminho da casa, o velho Tom já ria.
Tirando a chave do bolso, abre a porta para entrar,
e à volta da lamparina vê as traças a bailar.
Pela janela vê estrelas no céu a pestanejar
e a esguia lua nova para oeste a navegar.

Agora a noite caiu, Tom a candeia acendeu;
subiu as escadas rangentes e uma volta à chave deu.
"Olá, Tom Bombadil, vê que a noite aproveitei;
estou aqui atrás da porta, até que enfim te apanhei.
Sou o espírito do monte que anda, enfim, aqui à solta,
e vivo lá na colina cum anel de pedras à volta.
Pra debaixo da terra te vai levar
E frio e pálido te há-de tornar!"

"Sai daqui! Fecha essa porta, nunca mais te quero ver!
Os teus olhos deitam lume, o teu riso faz tremer!
Vai lá pro teu monte verde, cuma pedra por travesseiro,
e encosta a tua cabeça como o velho Homem-salgueiro;
como a jovem Baga d'Ouro e os texugos na lura!
Volta pro ouro enterrado e pra dor que não perdura!"

Lá fugiu o Homem-sombra pela janela saltando,
pelo pátio, por sobre o muro, como uma nuvem voando;
sobe a colina gemendo para o seu anel de pedras
e chocalhando os seus ossos por baixo do monte de ervas.

Velho Tom Bombadil encostou-se ao travesseiro,
mais doce eu Baga d'Ouro, mais calmo do que o Salgueiro;
mais fofo do que os texugos lá na sua terra mole,
dormiu como um pedregulho, ressonando como um fole.

Acordou à luz do dia como um melro assobiar
e cantou pra doce brisa: "Quem é que me quer amar?"
Sacudiu as botas altas, casaco, pena e chapéu;
depois abriu a janela, olhou o azul do céu.

Velho Tom Bombadil era um tipo bem taful;
tinha botas amarelas, o seu casaco azul.
Pelo vale ou pelas terras altas jamais alguém Tom viu.
Nem p'los trilhos da floresta ou pela margem do rio.
Nem num barco sobre a água que beija as margens da ilha.

Porém, um dia saiu e apanhou do rio a filha;
toda de verde vestida, entre os juncos se sentava,
enquanto pros passarinho velhas baladas cantava.

Apertou-a nos seus braços! Os ratos-d'água fugiam;
piavam garças reais e dois corações batiam.
Disse Tom Bombadil: "Aqui está a minha beleza,
que vai comigo pra casa, pois até está posta a mesa:
pão alvo, favo de mel, manteiga, nata amarela,
rosas que nascem cá fora e espreitam pela janela.
Vem comigo pra colina, deixa a tua mãe falar;
lá no charco onde ela vive não há ninguém pra te amar!"

Velho Tom Bombadil teve alegre casamento
coroado por campainhas, uma pena por ornamento;
A noiva com não-me-esqueças, brancos lírios por grinalda,
nos lábios uma cantiga, vestido verde-esmeralda.
Canta ele como um gaio, louvando a sua menina,
enquanto prende com o braço a sua cintura fina.

Brilham as luzes na casa, o leito resplandece;

até a família texugo na linda boda aparece.
Dança-se pela colina e o velho Homem-salgueiro
tamborila na janela dos que dormem no travesseiro;
na margem, por entre os juncos, Mulher-rio a suspirar
ouviu o Homem-espírito lá no seu monte a chorar.

Velho Tom Bombadil às vozes não deu ouvidos:
pés dançantes, estalidos e da noite outros ruídos;
dormiu até o Sol raiar, logo se pôs a cantar:
"Minha querida, meu amor, minha rosa de toucar!"
Sentado junto da porta, com o salgueiro brincava,
enquanto Baga d'Ouro seus cabelos penteava.

2
BOMBADIL VAI DE BOTE

O ano velho já as folhas mirrava; do Ocidente o vento soprava;
uma folhinha de faia Tom apanhou que na floresta encontrou.
"Eis uma boa nova que eu não esperava!
Por que amanhã o que hoje me agradava?

Hoje mesmo aparelho o meu barco e parto à aventura,

pelo rio abaixo vou, enquanto a sorte dura!"

O passarinho no ramo pousou e diz para Tom: "Já aqui estou.

Tenho um dedinho que me adivinha onde te leva o teu barquinho.

Queres que lhe diga, que me vá daqui dizer-lhe onde deve esperar por ti?"

"Nada de nomes, meu tagarela, ou sou eu quem te come e esfola;

sempre a dizeres a quem calha o que te passa pela bola!

Se dizes ao Homem-salgueiro pra onde fui, queimo-te vivo,

bem assado num espeto, pra não falares sem motivo!"

Carriça-salgueiro bateu o rabo e pipilando partiu voando:

"Primeiro tens de me apanhar! E quanto a nomes, não vou precisar!

Vou pousar-lhe nesta orelha e o recado ele vai escutar.

E sei bem o que vou lhe dizer: 'Lá onde sabes, ao escurecer.'

E já não tens tempo a perder! É boa altura para beber."

O Tom riu daquela graça: "Ou vou pra lá ou não sei o que faça.

Podia ir pra outro lugar, mas é para lá que vou remar."

Raspou os remos, remendou o barco, depois tirou-o do seu buraco.

Por entre os juncos, pelo caniçal, por sob os ramos do salgueiral,
lá desce o rio sempre a cantar: "Pelo baixio, pelo pego fundo,
por este rio vou correr mundo!"
"Ei, Bombadil, onde queres chegar,
nesse barquito a navegar?"

"Talvez a Brandywine, que fica do rio à beira;
e em casa dos meus amigos está sempre acesa a lareira.
Fica perto de Hays-end, boa gente lá conheço;
por isso, de vez em quando, desço o rio e apareço."

"Fala de mim aos meus primos, sem notícias não me deixes!
Diz-me onde se toma banho, onde se escondem os peixes!"
"Só faltava...", tornou Tom. "Eu vou apenas remar,
cheirar a água do rio e não recados levar."

"Olha, olha o peneirento; vê lá se a selha se afunda!
Eu ria se chafurdasse do rio na lama imunda."

"Fala menos, passarinho. Poupa-me as tuas gracinhas!
Melhor que batas a asa, a comer de peixe espinhas!

Um grão senhor no teu ramo, em casa és sujo fedelho
que vives em casa porca, mesmo com o peito vermelho.
Ouvi de aves como tu que abanam o bico ao sol
pra mostrar como está o vento: é o fim da pesca ao anzol!"

Carriça fechou o bico, depois o olho piscou,
enquanto, por sob o ramo, Tom, cantando, passou.
Deixou cair uma pena, que era azul, da cor do céu;
logo Tom rojou a velha e a pôs no seu chapéu.
Ali brilhava essa pena, formosa como uma jóia.
Azul é a cor de Tom! Às outras não liga bóia...

Anéis à volta do barco, bolhinhas num corrupio:
Tom bateu o seu remo – pás! – contra a sombra do rio.
"Nossa, Tom Bombadil! Com que então, a andar de barco?
E se eu lhe desse uma volta e te pregasse no charco?"

"Queres saber, meu bicho-lontra? A cavalo em ti descia o rio!
Com os meus dedos nas costas apanhavas um calafrio."
"Vê lá, Tom Bombadil, que eu vou dizer à família,
ao pai, à mãe, ao irmão e à irmã, só por quezília,

que com umas pernas de pau vais aí a passear,
a cavalo numa selha... que é coisa de espantar!"

"Vou-te mandar pros anjinhos e curtir a tua pele
pra fazer-te em anéis de ouro ou, pelo menos, cor de mel!
Se a tua mãe te visse fugiria, era bem certo;
deixa em paz o Bombadil, não te armes em esperto!"

"Livra!", disse o bicho-lontra, chapinhando água do rio,
molhando o chapéu do Tom, levando o barco a um desvio.
Passou por baixo do barco, da margem pôs-se a espreitar,
enquanto o canto de Tom morria, doce, no ar.

O velho cisne da ilha por ele passou altivo,
lançando-lhe um olhar torvo, saltando um rouco grasnido.
Tom riu: "Olá, meu velho, faz-te falta a tua pena?
Pois eu bem preciso doutra, para pôr na minha melena.
Se uma palavra gentil dissesses, queria-te mais:
pescoção, garganta muda, altivo entre os animais!
Se algum dia o rei voltar, pode-te recensear,
marcando o bico amarelo para a proa te abaixar!"

o cisne bateu as asas, silvou, avançou veloz;
na sua esteira seguindo, o Tom remou após.

Lá seguiu o curso do rio, espumando e borbulhando;
o pior foi no açude, onde ia lá ficando:
bate aqui, bate acolá, rodando como um farol
conseguiu, por fim, chegar ao porto de Grinduol.

"Nossa, aqui vem o lenhador Tom, ele e maila sua barba!
Não queremos cá gente dessa, pômo-lo fora, não tarda.
Cuidado, Tom, cautela, que temos arcos e frechas;
não queremos homens dos bosques; se queres viver, não te mexas.
Passar o Brandywine pra ficar aqui, nem tentes!"
"Fora, seus barrigas d'unto, não fiquem assim contentes."

"Tenho visto outros de susto esconderem-se a tremer.
Só porque cabra cornuda lá ao longe estão a ver;
que tremem das próprias sombras ou dos raios de luar.
Basta que eu chame os esp'ritos pra vos pôr a debandar!"

"Podes chamar quem quiseres, mas isso no teu toutiço.

Três frechas no teu chapéu! – Também não tens medo disso?
E agora aonde queres ir? Se é em cerveja que pensaste,
os barris de Breredon não têm líquido que baste."

"Vou-me pra Brandywine por Shirebourn, se puder,
mas mui veloz pro meu barco vai este rio a correr.
Se me pudessem levar na sua chata os petizes,
desejava-lhes boas-noites e muita manhãs felizes."

Rubro corria a Brandywine; em chamas se acendia,
para cinzento passava, quando o astro se escondia.
No cais, escadas vazias. Ninguém pra uma saudação.
Salientes estão os passeios. Diz Tom: "Que reunião!"

Tom caminhou pela estrada, enquanto o Sol se apagava.
Luzes brilhavam-lhe à frente. Ouviu uma voz que o chamava.
"Aí, ou!" Pararam os cavalinhos, tinham rodas resvalado,
Tom seguiu o seu caminho, sem sequer olhar para o lado.

"Eh, pedincha duma figa; que trabalho é que arquitetas?
O que fazes tu por aqui, chapéu crivado de setas?

Alguém te cortou as voltas, te apanhou nas roubalheiras?
Pára aí, conta-me cá, seja o que for que tu queiras!
Cerveja, ia jurar, embora um vintém não tenhas.
Vou mandar fechar as portas, antes que tu por aí venhas!"

"Pois sim, seu pata de boi! De alguém que vem atrasado
por ter andado por aí, não acho bem educado!
Velho e gordo lavrador que andar não pode por asmático
e vem num carro a cavalos, devias ser mais simpático."

"Meu forreta duma figa, pobre não pode escolher,
senão mandava-te embora, ficavas tu a perder.
Vem, Maggot, vem-me salvar! Vem pagar uma cerveja!
Mesmo aqui, ao lusco-fusco, não é amigo quem me não veja!"

Rindo se foram dali, na taberna sem parar,
embora estivesse aberta e a cervejinha a cheirar.
Voltaram pra rua de Maggot a tropeçar e a cantar,
Tom na sua carroça, a dançar e a saltar.
Brilhavam no céu estrelas, os quartos de Maggot iluminados,
e ardia o lume na lareira, para acolher os atrasados.

Os filhos de Maggot cumprimentaram, as filhas fizeram as sua vênias,
e a mulher trouxe jarros de cerveja, que as pessoas não eram abstêmias.
Assim, passaram a noite, a dançar e a comer, a palrar e a folgar.
E o nosso velho Maggot, com toda a sua barriga, não parou de cabriolar;
Tom tocava uma gaita, no tempo em que não bebia;
os filhos faziam roda, a boa esposa só ria.

Quando outros foram dormir, sobre o feno ou doutra maneira,
com as cabeças todas juntas, junto ao canto da lareira,
o velho Tom e pata-de-boi contaram-se as novidades:
dos montes e das charnecas, de passeios e cavalgadas;
de espigas de trigo e grão de cevada, de sementeiras e terreno ceifada;
de conversas no ferreiro, no moinho e no mercado;
de murmúrios nas ramagens, de vento sul no prado.

Velho Maggot por fim dormiu, numa cadeira junto do lume.
Antes da aurora Tom partiu: como num sonho que só se presume
alguns alegres, tristes os outros e ainda alguns de sentido oculto.
Ninguém ouviu abrir a porta; caiu de manhã chuva de vulto
que apagou suas pegadas; e foi assim que não deixou traços,

que ninguém ouviu suas cantigas nem os seus pesados passos.

Três dias o barco ficou no rio,
e depois ao quarto já ninguém o viu.
Foram as lontras, ao que disseram, que vieram de noite e o soltaram
que o levaram para a barragem e rio acima o empurraram.

Da sua ilha, o velho cisne veio vogando,
com o seu bico pegou na amarra e foi puxando,
com muito orgulho; lontras, ao lado, a acompanhá-lo,
por entre as raízes do Homem-salgueiro para guiá-lo;
na popa, pescador do rei empoleirado e a carriça a cantar do outro lado.

E assim alegremente, o barco pro seu cais era levado.
Assim chegou à enseada e bicho-lontra disse: "Ai, manas!
Que é um pateta sem pernas ou um peixe sem barbatanas?"
Oh, rio das mil loucuras! Deixaram pra trás os remos!
Tem o Tom de ir buscá-los, mas até lá não os temos.

VIDA ERRANTE

Era alegre mensageiro,
passageiro, marinheiro:
fez uma barca dourada
para nela navegar;
e nela tinha guardada
uma carga de laranjas
e papa d'aveia para manjar.
Perfumou-a com alfazema,
cardamomo e badiana.

Chamou os ventos dos navios
bem carregados para levá-lo
sobre dezessete rios
que se interpunham para atardá-lo.
Desembarcou na solidão
onde, por sobre os duros seixos,
as águas verdes do rio vão,
vão para sempre, alegremente.
Depois viajou pelo verde prado

pra terra das sombras, arrepiados;
pelo monte abaixo, pelo monte acima,
na senda rude da triste sina.

Sentou-se e cantou uma melodia,
embora a viagem atrasasse;
pediu a uma linda borboleta
que com ele se casasse.
Ela troçou e escarneceu
sem que dele se apiedasse.

Ele pôs-se a estudar feitiçaria
e tecelagem e serralheria.
Teceu um tecido leve como o ar
para com ele a apanhar;
e logo a seguir construiu asinha,
uma asa com um pêlo de andorinha.
Desnorteou-a com fina manha,
com um filamento de teia de aranha;
fez para ela doce morada
toda de lírios; e fez o leito nupcial

com a seda do cardo que nasce no vale.
Com teias de seda que ali encontrou
e raios de luz a ataviou.

De lindas gemas fez colares
mas ela destroçou-os sob seus olhares
e em tom azedo questionou,
enquanto ele, triste, se afastou.
Ali ficou ela a desfalecer,
enquanto ele fugia todo a tremer;
com o vento que soprava,
na asa de andorinha se afastava.

Passou por cima dos arquipélagos
onde cresce o malmequer louro;
onde há mil fontes de prata
e as montanhas são de ouro.
Pintando a manta para além do mar,
meteu-se na guerra e na pirataria
e a vaguear por Belmarie
e Phelamie e Fantasia.

Fez escudo e capacete
de coral e de marfim
e uma espada de esmeralda
pra lutar até o fim
com cavaleiros e querubins
e com paladinos loiros
que vindos de lá do rio
para ele cavalgavam em desafio.

De cristal a sua cota
de ágata a sua bainha;
de ébano com ponta de prata
era a espada que tinha.
Seus dardos de malaquite
e ele, lesto, brandia-os:
estava com os dragões-moscas
do Paraíso e vencia-os.

Combateu contra o besouro,
contra zangões e abelhas

e ganhou o favo de mel;
correndo por sobre o mar
com uma flor por dossel,
num barco de folha dura,
feliz cantou ao luar
e poliu sua armadura.

Por um pouco se atardou
numas ilhas solitárias,
nada por lá encontrou que não fossem ervas várias;
resolveu, pois, regressar
e ao fazê-lo, com o seu faro,
veio-lhe enfim à memória
sua mensagem e recado!
Em valentia e fascínio
já os havia olvidado,
cansado de correr mundo,
este excelso vagabundo.
Ia , pois, partir ligeiro
(aparelhando primeiro)
este eterno mensageiro,

passageiro, cavaleiro
errante como uma pena,
vagabundo marinheiro.

4

A PRINCESA MI

Princesinha Mi, a bela,
lá formosa era ela...
como se diz em contos de fadas,
tinha pérolas nos cabelos,
na sua fronte dourada.
De gaze com fios d'ouro
era o lenço que ela usava,
e um trancelim de prata
a garganta lhe apertava;
de teia de traça leve
e tingida de luar
era o casaco que usava.
De orvalho de diamantes

o cinto que a apertava.

Se passeava de dia,
manto cinzento vestia
e capuz azul escuro;
mas se de noite saía
toda brilhante luzia
sob um céu cheio de estrelas.
Com sandálias de cristal
com as quais se dirigia
pra sua pista de dança,
um charco de linfa fria
que nenhum vento bulia.
Mas onde os seus pés tocavam
era uma chuva de estrelas
que da pista se elevavam
e apetecia bebê-las.

Levantou os olhos
para o céu sem fundo
e logo os baixou para as sombras do mundo,

os olhos baixou e viu a seu lado
uma princesa Xi
tão bela quanto Mi:
dançavam lado a lado!

Era tão leve como Mi
e, como ela, a mais bela do mundo...
Mas estava (nem parece deste mundo...)
pendurada de cabeça
sobre um poço sem fundo!
Coisa bela entre as mais belas:
estar de cabeça para baixo.

Sobre um mar cheio de estrelas!
Só os pés
poderiam tocar-se;
pois como encontrar a terra
– fosse vale ou fosse serra –
para não estarem em pé,
mas penduradas do céu,
com o chão por solidéu?

Como? Ninguém o sabia,
nem poderia aprendê-lo,
dos elfos na sabedoria.

Por isso, sempre sozinha,
dançando como antes,
luzindo como brilhantes
com sandálias de cristal,
e pérolas nos cabelos
seguia Mi.
Com pérolas nos cabelos,
com sandálias de cristal,
luzindo como brilhantes,
seguia Xi.

5

O HOMEM DA LUA DEITOU-SE MUITO TARDE

Há uma estalagem, velha e boa estalagem

no sopé da colina;
e fazem lá uma cerveja tão fina,
que até o Homem da Lua veio cá abaixo
uma noite... e foi o diacho!

O moço de estrebaria tem um gato tonto
que toca rabeca para seu recreio;
e passa-lhe o arco pra cima e pra baixo
ora chiando alto, ora miando baixo,
ora arranhando no meio.

O hospedeiro tem um canito
que muito aprecia a boa chalaça;
quando os hóspedes contam umas piadas,
ele arrebita a orelha a cada graça
e ri às gargalhadas.
Tem também uma vaca chifruda
altiva como rainha;
mas a música dá-lhe volta à pinha
e fá-la sacudir a cauda peluda
e dançar na relva verdinha.

E, oh!, uma fila de pratos de prata
e um ror de colheres iguais!
Pro domingo há um par especial,
areado sábado à tarde,
por tal sinal.

O Homem da Lua bebia-lhe a valer
e o gato começou a gemer;
na mesa dança um prato com uma colher.
A vaca esperneava à doida no prado
e o canito corria atrás do próprio rabo.

O Homem da Lua bebeu outra caneca
e caiu ao chão pra uma soneca,
enquanto dormia sonhou com cerveja.
No céu as estrelas empalidecem
e a madrugada já há quem n'a veja.

E diz o moço pro gato tonto:
"Os cavalos da Lua já eu os conto.

Relincham e mordem os freios de prata.
Mas o dono afogou o juízo que tem
e o sol nascente já aí vem!”

Então o gato no seu violino tocou o seu chi-ri-bi-ri-bi,
uma cegarrega de acordar os mortos:
guinchou, arranhou, sanfonou para ali
e o patrão sacudiu o Homem da Lua:
“Vão sendo horas de te pôres na rua!”
Rebolam o Homem pelo monte acima,
atiram-no à Lua lá da colina!
Vão os cavalos sempre a correr.
Esperneia a vaca como um veado,
acorre um prato com uma colher.

Apressa o ritmo o violino,
começa a rosnar um cão.
Vaca e cavalo fazem o pino.
Saltam os hóspedes todos da cama,
e vêm dançar pro chão.
Com um vim e com um vum estoiram as cordas da rabeca;

saltou a vaca por cima da Lua
e o canito, a rir-se, diz: “Coa breca!”
Vem de sábado o prato numa corrida
e a colher de prata: “Sou toda tua!”

A Lua redonda escondeu-se no monte
ao surgir o Sol no horizonte.
Mal acreditava no que os olhos viam:
pois embora dia, e dia da semana,
todos aqueles voltaram pra cama!

6

O HOMEM DA LUA DESCEU MUITO CEDO

O Homem da Lua tinha sapatos de prata,
a sua barba era de prata em fio;
o seu cinto era de pérolas
e de esmeraldas um rio.
Com seu manto cinzento, certo dia,
atravessou salão sem fim.

E com chave de prata, muito em segredo,
abriu uma porta de marfim.

Por escada de filigrana, toda fio reluzente,
desceu ele levemente;
e quando ao fim se viu livre
de sua louca aventura, até pulou de contente.
Por rútilos diamantes, que têm o seu sainete,
já tinha perdido o gosto. E até estava cansado
do seu alto minarete, todo de vidro polido
e em paisagem lunar em alto monte pousado.

Por rubi ou por berilo, qualquer risco correria
pra enfeitar a sua fralda,
ou por novos diademas e por valiosas gemas,
fosse safira ou esmeralda.
Estava também solitário, sem ter nada que fazer
a não ser olhar pro ouro
e escutar o seu zunido que de longe chegava,
à medida que o ouro rolava.

No plenilúnio da sua lua de prata
em seu coração suspirava pelo Lume:
não pelas luzes límpidas, desmaiadas,
porque vermelho era o seu ciúme.
Por carmim e rosa e clarões de brasas,
de línguas dum fogo impetuoso,

por céus escarlates ao romper do Sol
quando nasce um dia tempestuoso.

Queria ter mares de azul e as cores vivas
de prados e verde floresta,
e ansiava pelo sangue dos homens
para alegria das gentes em festa.
Adorava o cantar e o riso forte,
o vinho e as viandas quentes,
comendo bolos perlados de flocos de neve
e bebendo luar para assombro das gentes.

Agitava os pés quando em comer pensava
ou em pimenta e em ponche quente;

e subia descuidado a sua escada íngreme
e como estrela cadente,
como meteoro em véspera de Natal,
tremendo tombou como folha de papel
da sua escada incerta para um banho de espuma
na ventosa baía de Bel.

Começou a pensar, não fosse derreter-se e afundar-se,
o que faria na Lua,
quando um barco dum pescador o encontrou ao longe a flutuar
com surpresa da tripulação e a sua.
Apanhado na rede, trêmulo e encharcado
num esplendor fosforescente
de brancos-azulados e luares opalinos
e verde delicado e fundente.

Contra seu gosto e com o peixe do dia,
para terra o remeteram:
"É melhor uma hospedaria
que a cidade fica perto", disseram.
Só o dobre dum sino triste e lento,

lá na terra que olhava o mar,
anunciava o seu cruzeiro saudoso da Lua
nessa hora de estranhar.
Nem lareira se acendeu nem se fez pequeno almoço
e a madrugada era molhada e feia.
Por lume, havia só cinzas, por relvado, havia pântano
e por sol, pobre candeia
numa rua das traseiras. Vivalma não encontrou,
nem voz que canto entoasse;
em vez disso só ressonar, pois todo o mundo dormia
esperando que a noite durasse.

Foi andando e foi batendo, mas portas céleres fechavam
e foi em vão que ele correu;
'té que chegou a uma porta que tinha uma luz lá dentro
e ele no vidro bateu.
Cozinheiro sonolento lançou-lhe olhar quezilento,
dizendo: "Que quer você?"
"Quero lume e quero ouro e belas canções antigas
e vinho a rodos, com raparigas!"

“Aqui não arranjas isso”, disse ele, com olhar turvo,
“mas posso deixar-te entrar.
Estou precisando de prata e de seda pra me tapar:
talvez te deixe ficar.”
Moeda de prata pro ferrolho levantar,
uma pérola para a porta passar;
e mais vinte vezes isso
para junto à lareira ficar!

Para a fome e para a sede, nada lhe passou pela boca
sem que antes tivesse entregue uma c’roa e parte da roupa;
tudo que, enfim, conseguiu, numa panela de barro,
partida e suja de fumo,
foi papa de milho fria e de chá velho um jarro;
e uma colher de pau pra comer a sobredita.
Para o pudim de Natal, com ameixas, bem docinho,
chegava cedo demais esta visita.

7

O GIGANTE DE PEDRA

Estava o gigante sentado, lá no seu banco de pedra,
a resmungar e a mascar um osso velho;
por muitos e muitos anos sempre mascara no mesmo
pois que a carne não vinha a esmo.
Não vem mesmo! Não vem mesmo!
Numa caverna dos montes, ele vivia sozinho,
e carne não tinha o coitadinho.

E então chegou o Tom com as suas botifarras,
e disse para o gigante: "Que osso róis tu assim?
Pois me parece a canela do meu tio Joaquim
que devia estar lá no cemitério.
Cemitério! Ermitério!
Pois que há já muitos anos que o Quim se foi
e eu julgava-o deitado no cemitério."
"Meu rapaz", disse o gigante, "este osso eu o roubei.
Mas que valem os ossos que num buraco achei?
O teu tio estava morto como bala de chumbo
quando achasse a canela já não era deste mundo.
Deste mundo! Furibundo!

E bem pode repartir com um gigante sem ela,
pois quem não precisa da sua canela?"

Disse Tom: "Não sei como tu e teus iguais
se apoderam assim sem menos nem mais
da tíbia ou canela do irmão dos meus pais;
dá o osso, por favor!
Achador! Salteador!
Por morto que ele esteja, é dele o osso;
dá-o pois pra cá a este moço!"

"Por dá cá aquela palha", diz o gigante, e ri-se,
"também te como a ti e trinco-te as canelas.
Não tarda já que te meta os meus dentes
e vá carne fresca pras minhas goelas.
Goelas! Ai, que belas!
Estou farto de ossos e pelancas de velho
é jantar-te a ti que me aconselho."

Mas quando julgava ter a presa apanhada,
viu que as suas mãos não apanhavam nada

e sem lhe dar tempo de raciocinar
Tom deu-lhe um chuto para o ensinar.
Sancionar! Castigar!
Pois um golpe de botas no assento
seria a maneira de ele ter tento.

Mas mais duros que pedras são a carne e o osso
daquele gigante, daquele colosso.
É como dar chute no moliço,
que o assento dum gigante nem dá pra isso.
Repete lá isso! Repete lá isso!
O velho monstro riu de Tom a gemer;
sabia que o pé lhe estava a doer.

A perna de Tom já pra pouco prestava,
está muito trôpego o seu pé descalço.
Porém, o gigante a isso não ligava,
agarrado ao osso que roubou ao dono.
Mono? Ramono?
E o lugar do gigante é sempre o mesmo
assim como o do osso que roubou ao dono!

8

O CARACOLINHO

O pobre gigante, na pedra sentado,
cantava uma triste ladainha:
"Por que, mas por que cumpro eu o meu fado
aqui nesta terra longe da minha?
Os meus partiram e já não voltam
e nem em mim devem pensar;
sabem-se só e não se revoltam,
sozinho eu estou daqui ao mar."

"Ouro não roubo, não bebo cerveja,
e, oh, minha boca! Carne... nem vês;
mas fecha-me a porta quem quer que me veja
ou que de longe me ouça os pés.
Quem me dera ter a pele mimosa
e é tão rude a da minha mão;
mas a comida que faço é gostosa

e doce e brando o meu coração!”

“Ora, ora”, pensou, “assim não vou lá,
tenho mais é de um amigo arranjar;
a passo e passo pra lá e pra cá
até o Condado atravessar.”
Assim partiu, toda a noite a correr
com umas botas de pele branca
pra chegar a Delviny com o Sol a nascer,
quando o povinho já se levanta.

Ele olhou em volta e quem vê? Adivinha!
A velha senhora Bunce, a rua a descer,
com o seu cesto e a sombrinha;
e ele parou para dizer:
“Bom dia, minha senhora! Muito bom dia!
Como tem passado?”
Mas ela largou a “malva” e o cesto que trazia
e soltou um grito apavorado.

Velho Pott, o mayor, que ali estava parado,

quando ouviu aquele gritalhão,
de medo ficou branco e encarnado,
atirando-se pra debaixo do chão.
O gigante, ofendido, ainda disse:
"Mas não se vá assim! Que tolice!"
Senhora Bunce correu como louca,
a meter-se debaixo da roupa.

O gigante foi até o mercado,
espreitando por cima das tendas;
um rebanho fugiu, assustado,
e os gansos estragavam as vendas.
Hogg, o rendeiro, entornou a cerveja,
o marchante atirou o cutelo;
Grip, o seu cão, já não há quem o veja,
pois se raspou para salvar o pêlo.
O pobre gigante sentou-se e chorou
junto ao portão do velho mercado
e o Caracolão por ele trepou
e depois de o ter na cachola afagado:
"Oh, por que choras tu, grandalhão?

Estás aqui melhor que fechado!”
deu-lhe por graça um pequeno encontrão
e sorriu-se de o ver agradado.

“Eh, pá, Caracolão!”, gritou o gigante,
“sempre disse eu que outro assim não há!
Se te apetece girar um instante,
monta-te em mim e vem tomar chá.”
Tomar por tomar, antes chá que um mosquete
e o bicho aceitou do gigante o conselho.
E nessa noite houve lauto banquete
com o gigante à mesa e o caracol no joelho.

Houve pão e manteiga, doce e marmelada,
geléia e creme e também bolo quente;
e o bicho a esforçar-se por não perder nada,
ainda que todos os botões rebente.
A chaleira cantava, era quente o fogo;
o bule era grande e era castanho
e o bicho tentava emborcá-lo todo,
embora se afogue no bule tamanho.

Quando estavam retensos a pele e o casaco
ficaram os dois sem dar cavaco;
‘té que disse o gigante: “Vou começar
de padeiro a arte a te ensinar;
o fabrico do pão a estalar e moreno
e também as empadas, meu pequeno,
depois vais dormir sobre folhas morenas,
em almofadas feitas de penas.”

“Oh, Caracolinho, onde te meteste?”
“Estive num jantar como nunca comeste.
E sinto-me gordo do que comi,
porque foi banquete como nunca vi.”
“Mas onde foi isso? Nós queremos saber
onde se pode assim comer.”
“Pois sim, meus amigos, bem podem esperar,
porque eu é que nada vou revelar.”

“Mas eu é que sei”, disse Jack, o finório,
pra grande espanto do auditório!

“Pois vi-o ir às costas do velho gigante
a caminho dos montes, lá pra diante.”
Então foram todos, de carro ou a pé,
até verem fumo da chaminé
da pequena casa que tinham diante
que pensavam ser a do gigante.

Bateram à porta um pouco depois,
pedindo ao gigante um bolo ou dois...
“Senhor, por favor, um bolo gostoso,

como o que ofereceu a este baboso!”

“Pra casa, pra longe da minha beira,
porque eu só cozo à quinta-feira.
E não é assim pra quem aparece,
mas só pra quem quero, pra quem o merece.”
“Pra casa, pra casa!, tenho muita pena,
mas a minha sala é muito pequena.
E não tenho pão nem bolo miúdo,
porque o caracol já me comeu tudo!

A fulano e sicrano e beltrano e a ti,
digo que vos quero fora daqui.
Tudo pra fora da minha vista,
só o caracol é que me conquista!"
E o Caracolinho ficou tão roliço,
já nem lhe cabia o chapéu no toutiço.
De comer o pão que o outro amassou,
até, sem medida, o peito lhe inchou.
E às quintas-feiras era certo que vinha
sentar-se no chão daquela cozinha.
E enquanto o bichinho engordava e crescia,
parecia que o gigante encolhia.

Caracol padeiro se fez famoso,
como bem sabe todo o guloso;
da costa à montanha ficou conhecido
pelo seu pão curto e comprido.
Mas não tão bom como o outro... o tal,
pois nem em manteiga lhe era igual!
E todas as quintas, como a um paxá,
o velho gigante lhe servia o chá.

9

GRALHAS

As sombras onde as gralhas abundam
São escuras como tinta,
E o seu sino, suave, tilinta,
Enquanto os teus pés no lodo se afundam.

Pois no lodo se afunda quem ousa
À porta delas bater:
Das gárgulas o olhar oco pousa
Sobre a água que murmura ao correr.

Nas margens do rio, podridas,
Choram salgueiros pendentes,
E as gralhas tristonhas, vencidas,
Crocitam, apesar de dormentes.

Sobre os montes Merlock, lá muito pra além,

Num corgo cinzento que nem árvore tem,
Nas margens dum charco sem vento ou maré,
Se escondem as gralhas que vivem ao pé.

As cavernas onde passam os dias
São úmidas, negras e frias.
Com a candeia que alumia o tesouro,
É ali que contam, seu ouro.

Os muros molhados, os tetos pingando
E os pés delas no chão vão raspando,
Chapinhando – flite-flate –,
Vão à porta a ver se alguém bate.

Pra fora espreitam, desconfiadas,
Garras tateantes, arrepiadas;
E quando acabam – já estás no papo,
Pois os teus ossos metem num saco.
Pra além dos montes, por estrada triste,
Junto dum charco que jamais viste,
Esperam gralhas por ti, meu moço,

A quem servirás de pequeno-almoço.

10

O ALIFANTE

Cinzento como um murganho,

Uma casa no tamanho.

Nariz como uma serpente,

Eu faço a terra tremente

Quando passo entre o arvoredo;

E as árvores gemem de medo.

Chifres na boca, taful,

Vou caminhando pro Sul.

Orelhas como uns abanos;

Já nem sei contar os anos

Que lá pra trás de mim vão;

Nunca me deito no chão,

Nem sequer para morrer.

Alifante quero ser.

Velho e um tanto disforme,

Sou, porém, um bicho enor... me.

Se, um dia, me puderes ver,

Nunca me vais esquecer.

Mas, se não me tiveres visto,

Vais julgar que não existo.

Mas alifante me sinto,

E nunca minto!

11

FASTILAR

Olha a ilha de Fastilar,

Boa terra para aportar,

Embora bastante nua.

Deixa lá agora o mar! Faz de conta que ela é tua

Para correr e dançar,

Ou então ao sol tostar!

Olha, gaivotas daquele lado!

Cuidado!

Gaivotas nada receiam.

Ou pousam ou se meneiam:

Seu papel é sinal dar

Se alguém à ilha aportar,

Ou que descanso requeira

Da umidade do mar...

...pra ferver uma chaleira.

Ah, gente louca que aqui se arrume

Começa logo por acender o lume,

Talvez na esperança de fazer chá!

Casca mais dura que esta não há,

Parece dormir mas sabe nadar

E flutua agora no mar.

Manhosamente;

E quando sente pés de gente,

Ou algum calor,

Logo mergulha com vigor.

E volta, rápida, os pés pro ar

Precipitando todos no mar,

Onde se afogam, que é uma beleza,

Com grande surpresa.

Que loucura!

Há muitos monstros no mar

Nenhum tão perigoso como Fastilar,

Fastilar da casca dura

Cujos parentes se foram

A não ser a tartaruga.

Pois, se a vida queres salvar,

Um conselho vou te dar:

Só aos perigos do mar escapa

Quem não vai a terras que não vêm no mapa.

E há que escolher:

Se não é melhor em terra firme

– Há quem o afirme! –

Viver!

12

O GATO

O gato anafado,

no tapete deitado,

pode parecer sonhar,
com ratos a passear
ou leite-creme para o jantar...
Mas talvez se veja,
com certa inveja
como o seu parente,
altivo e temido
que em caverna metido,
se alimenta de bicho e de gente
lá pro Oriente.

O gigante leão que afugenta
com garras de fora na pata
e dentuça que mata
na bocarra sangrenta;
leopardo malhado
que corre em beleza
e do alto salta
sobre a presa:
lá onde os bosques se esfumam
estão os espertos,

felizes, libertos;
mas o gato anafado
deitado em tapete
domado parece...
mas não esquece!

13
A NOIVA-SOMBRA

Era um homem que sozinho vivia
enquanto dia após noite fugia;
sentado e quedo como pedra lavrada,
sem qualquer sombra projetada.
Corujas brancas para ele subiam
sob as estrelas que surgiam;
limparam os bicos, julgando-o indisposto
sob a Lua de Agosto.

Então uma dama toda de cinzento,
surgiu no crepúsculo pardacento:

por um momento ficou olhando,
flores no cabelo entrançando.
Ele acordou como da pedra saído
e quebrou o encanto que o tinha prendido.
Tomou-a nos braços, a carne e o osso,
e a sombra enrolou no seu pescoço.

E então não mais ela ali apareceu
sob o Sol ou a Lua do céu;
Vive lá embaixo na caverna triste,
onde nem a noite nem o dia existe.

Mas uma vez por ano, quando as cavernas bocejam
e as coisas surgem para que as vejam,
eles dançam juntos até a alvorada,
como uma só sombra alada.

14

O TESOURO

Quando a Lua era nova e o Sol era louro
a canção dos deuses era de prata e ouro:
pela verde relva prata derramava
e a água branca de ouro espelhava.
Antes da cova aberta ou Inferno franqueado,
antes do anão criado ou do dragão gerado
havia os velhos Elfos, de fortes encantos
que cantavam feitiços pelos vales e pelos campos,
enquanto faziam muitas coisas belas,
e as c'roas dos reis elfos entre elas.
Mas seu fado morreu, a canção apagou-se
cortados a ferro e aço como por um fouce.
Cobiça que não cantava nem sorria,
mas em negros buracos a riqueza crescia,
ouro trabalhado, prata martelada:
sobre o lar dos Elfos a sombra rolava.

Havia um velho não que em cova escura vivia,
à prata e ao ouro a sua mão se prendia;
tanto martelo e tenaz e a bigorna empregava,
que as mãos até o osso gastava.

E fazia moedas, cordões e anéis,
pensando em comprar o poder dos reis.
Só que lhe veio a surdez e a cegueira
e a pele amarela sobre a velha caveira;
pelas mãos ossudas e outrora artistas
lhe passavam as jóias sem serem vistas.
E nada sentia, com a terra a tremer,
quando o jovem dragão vinha beber
e o fumo subia pela porta da rua.
As chamas chiavam na sala nua.
E ele morreu sozinho no rubro fogo,
seus ossos em cinza no quente lodo.

Havia um dragão sob a pedra cinzenta,
cujos olhos piscavam numa morte lenta.
Velho e triste, triste e enrugado,
tinha os membros frouxos e o ventre inchado.
Durante toda a vida ao seu ouro amarrado,
no forno do seu peito estava o fogo apagado.
O limo do seu ventre belas pedras prendia
e o ouro e a prata ele cheirava e lambia:

sabia o local do anel mais modesto
e que a sua asa negra servia de testo.
No seu leito duro, em ladrões pensava
e sonhava que deles se alimentava,
que os ossos lhe esmagava e o sangue bebia:
e as orelhas lhe pendiam e o fôlego lhe fugia.
Tocou uma sineta, mas ele não ouvia.
Uma voz ecoou na gruta em que jazia:
com a espada na mão, jovem guerreiro louro
o desafiava a guardar seu tesouro.
Seus dentes eram facas, sua pele era couro,
mas o ferro o rasgou, a sua chama morria.

Sobre um alto trono havia um rei velho
cuja barba branca lhe chegava ao joelho;
sua pobre boca carne não provava e nada bebia
nem seu ouvido música ouvia; e ele só vivia
para a sua arca de tampa lavrada
onde jóias e ouro escondia,
tesouro secreto na cave fechada
que porta de ferro protegia.

Espadas de seus maiores já a ferrugem roía,
sua glória era morta, más as leis que fazia;
vazios seu salões e sua alcova fria,
mas rei do ouro dos Elfos ainda permanecia.
Já não ouvia trombetas da montanha no carreiro,
do sangue na erva pisada e nem lhe chegava o cheiro.
Mas os seus salões arderam, o seu reino se perdeu.
À cova foram lançados seus ossos, pois morreu.

Há um velho tesouro num escuro rochedo
oculto por portas e pelo arvoredo;
por esse portão ninguém vai passar.
No pequeno cômoro onde a erva cresce
pastam as ovelhas, a cotovia aparece,
e o vento sopra da costa do mar.
E sobre o tesouro os corvos crocitam,
enquanto a terra espera e os elfos dormitam.

15

O SINO-DO-MAR

Fui passear a beira-mar e até mim veio
como um raio de estrela na areia molhada
uma concha branca como um sino-do-mar
que na mão me tremia sem parar.
Nos dedos trementes ouvi sons dolentes,
um sino lá dentro, à beira do mar,
uma bóia a dançar, um sino a tocar
sobre mares sem fim, suaves, distantes.

Vi um barco silente na crista do mar
e na maré da noite, vazio e cinzento.
"É tarde, mui tarde! Que estamos a esperar?"
Dei um salto e disse: "Leva-me, ó vento!"

E ele levou-me, molhado de espuma,
envolto num sono, fechado na bruma,
pra praia esquecida, numa terra estranha.
No cair da noite em vaga tamanha
ouvi o sino-do-mar,
soando, soando, enquanto as vagas rugiam

nos dentes ocultos de perigoso escolho
e cheguei, por fim, onde areias se viam.
Brancas luziam e o mar fremia
com espelhos de estrelas em rede de prata;
penhascos de rocha, branca como ossos
onde a espuma de luar, úmida, batia.

A areia luzente pela mão me escorria,
poeira de pérolas, farinha de gemas,
trompetes de opala, rosas de coral,
flautas de esmeralda, etcétera e tal.
Mas sob as falésias eram cores sinistras
com cortinas de ervas lúgubres e tristes;
agitou-me o cabelo uma aragem fria
e eu fugi dali, enquanto a luz morria.

Do cimo dum monte fluía um ribeiro;
eu bebi-lhe a água para acalmar o peito;
da sua nascente para uma festa campestre
de vigília eterna lá longe dos mares,
penetrando em prados de trêmulas sombras:

as flores por terra como estrelas caídas
e num charco azul-vítreo e gelado
quais luas flutuantes, os nenúfares.
Os elmos dormiam, salgueiros choravam,
espadas de íris, lanças de verdura,
flechas de juncos os baixios guardavam.

Ecos de cantiga toda santa noite
não há lebre banca que se não afoite
pra cá e pra lá; assim como as traças
com olhos como vidraças; enquanto os ratitos
a estas horas mortas, espreitam às portas.
E ouvi lá dançar, música no ar,
pezitos alados nos verdes prados.
Mas sempre que eu vinha metia-lhes medo:
pelo verde prado, tudo logo quedo.
Nem: "Olá... vais tu?" Só o fugidio
som de vozes doces, trompa e assobio.

Com varas de junco, com folhas do rio,
fiz pra mim um manto verde de esmeralda:

caduceu bem alto e bandeira de ouro
e os meus olhos brilham como o sol escalda.
De flores coroada, gritei pra um besouro:
Mas por que te escondes? De quem foges tu?
Sou agora o rei, sou quem manda aqui,
por que tens a "proa" dum urubu?
Tenho espada e cetro e estou bem disposto,
quero que me falem, me mostrem o rosto.
Porque eu sou o rei, mas pensem bem nisto:
um bom rei não dispensa ministro!
Vem de lá uma nuvem, vestida de noite
como toupeira, avanço "à rasquinha";
nesta negridão ainda há quem se afoite.
Palpo o chão com a mão – já nem sei se é minha.
Penetro num bosque, digo chus nem bus,
que as folhas estão mortas, os ramos estão nus.

Ali me sento, mente distante
ressonam c'rujas na casa oca;
pelo ano e dia sou habitante.
Grilos as folhas roem com a boca;

aranhas tecem modelos velhos,
nasce já musgo nos meus joelhos.

Na longa noite, nasceu uma luz
o meu cabelo estava grisalho.
Cansado embora, o mar ver queria...
Perdido e velho, já nada valho!
Mas vou seguindo, vou tropeçando;
como um morcego, sombra me cobria,
nos meus ouvidos, vento zumbia.
Tentei cobrir-me com rudes sarças:
mãos e joelhos estavam sem força,
sobre o meu dorso pesavam os anos.
Mas veio a chuva salgar-me o rosto,
vai barco a pique nos oceanos.
Vêm de lá aves a planar,
ouvi eu vozes em cavernas frias,
focas que rosnam, rochas que espreitam
e espiráculos que esguichos deitam.
Chegou o Inverno; pela neblina
eu atravesso arrastando os anos;

há gelo e neve no meu cabelo,
fugiu o Sol, já não posso vê-lo.

Naquela costa me esperava o barco,
nas ondas dança, levanta a proa,
nele me deito, pela borda espreito:
nas ondas trepa, pelo mar voa.
Velhos destroços, de aves cobertos,
belos navios, de luzes cheios,
que vão para um porto. Enfim liberto
da noite fria, dos meus receios.

Casas fechadas, que o vento ronda,
ruas vazias... no chão me sento.
E num regato que a chuva cria
sem mágoa lanço o que trazia:
uns grãos de areia na mão fechada,
concha do mar, morta e calada.
Aquele sino nunca ouvirei,
aquela costa não pisarei
nem na álea triste, no beco sujo,

na larga rua passearei.

Comigo falo – único ensejo;

pois não me falam os homens que vejo.

FIM

SMITH DE WOOTTON MAJOR

Houve outrora uma aldeia, não há muito tempo para os que têm boa memória, nem muito longe para os que têm pernas compridas. Wootton Major se chamava, porque era maior do que Wootton Minor, que ficava a alguns quilômetros de distância, embrenhada no arvoredo; mas não era muito grande, embora nesse tempo fosse próspera e lá houvesse uma razoável quantidade de pessoas, boas, más e assim, como é costume.

Era uma aldeia notável no seu gênero, famosa na região circundante pela arte dos seus trabalhadores de vários ofícios, mas principalmente pela comida.

Tinha uma grande Cozinha que pertencia à Câmara Municipal da Aldeia e o Mestre Cozinheiro era uma pessoa importante. A Casa do Cozinheiro e a Cozinha ficavam contíguas ao Grande Salão, o maior e mais velho edifício do lugar e também o mais bonito. Era feito de boa pedra e bom carvalho e estava bem tratado, embora já não fosse pintado ou dourado como fora noutros tempos. Era no Salão que os aldeões faziam as suas assembléias e as suas reuniões de família. Por isso, o Cozinheiro tinha sempre o que fazer, pois para todas essas ocasiões tinha de fornecer a comida adequada. Para os festivais, que eram muitos ao longo do ano, a comida adequada era abundante e rica.

Havia um festival que todos aguardavam com interesse, pois era o único que se realizava no Inverno. Durava uma semana e no seu último dia, ao pôr do Sol, havia um divertimento chamado O Banquete dos Meninos Bons, para o qual não eram muitos os convidados. Sem dúvida, alguns que mereciam ser convidados eram esquecidos, e alguns que não mereciam eram convidados por engano; pois é assim que as coisas acontecem, por mais cuidadosos que tentem ser os que organizam tais funções. De qualquer modo, era em grande parte pelo acaso do dia de nascimento que qualquer criança assistia ao Banquete dos Vinte e Quatro, visto só se efetuar de vinte e quatro em vinte e quatro anos e de

só serem convidadas vinte e quatro crianças. Esperava-se que, para essa ocasião, o Mestre Cozinheiro se esmerasse ao máximo, e além de muitas outras coisas boas era costume ele fazer o Bolo Grande. Pela excelência (ou o contrário) desse bolo se recordava principalmente o seu nome, pois um Mestre Cozinheiro raramente — se é que alguma vez tal acontecia — permanecia no lugar tempo suficiente para fazer um segundo Bolo Grande.

Chegou, porém, uma altura em que o Mestre Cozinheiro reinante, para surpresa de toda a gente, pois tal nunca acontecera, anunciou subitamente que precisava de umas férias; e partiu, ninguém soube para onde, e quando voltou, passados alguns meses, parecia muito mudado. Tinha sido um homem bondoso que gostava de ver os outros divertirem-se, embora ele próprio fosse sério e falasse muito pouco. Mas voltou mais alegre e tornou-se freqüente dizer coisas que faziam rir; e nos banquetes cantava canções alegres que não era costume serem cantadas por mestres cozinheiros. Além disso, trouxe consigo um aprendiz, o que causou espanto na aldeia.

Não era de espantar o Mestre Cozinheiro ter um aprendiz. Era até costume. O mestre escolhia um em devido tempo e ensinava-lhe tudo quanto podia, e à medida que ambos se tornavam mais velhos o aprendiz ia fazendo trabalhos mais importantes, de modo que, quando o mestre se aposentava ou morria, lá estava ele, preparado para assumir o cargo e ser por sua vez mestre cozinheiro. Mas este Mestre nunca escolhera um aprendiz. Dissera sempre: "Ainda há muito tempo", ou: "Estou de olhos abertos e escolherei um quando encontrar algum que me convenha." Mas desta vez trouxe consigo um simples garoto, e que além do mais não era da aldeia. Era mais esbelto do que os moços de Wootton, e também mais vivo, com a fala delicada, muito cortês, mas ridiculamente novo para o trabalho, ainda no princípio da adolescência, pelo aspecto. No entanto, a escolha do aprendiz era assunto que dizia respeito ao Mestre Cozinheiro, e ninguém tinha o direito de interferir; por isso, o rapaz ficou vivendo na Casa do Cozinheiro, até ter idade suficiente para arranjar alojamento para si próprio. As pessoas se habituaram logo a vê-lo por ali e ele arranjou alguns amigos. Estes e o cozinheiro tratavam-no por Alf, mas para as restantes pessoas era simplesmente Prentice[{5}].

A surpresa seguinte verificou-se apenas três anos depois. Numa manhã de Primavera, o Mestre Cozinheiro tirou o seu alto barrete branco, dobrou os seus aventais limpos, pendurou o seu casaco branco, pegou num rijo cajado de freixo e numa pequena mala, e partiu. Despediu-se do aprendiz. Não estava mais ninguém por perto.

— Adeus por hora, Alf — disse — Deixo-lhe o encargo de resolver as coisas o melhor que puder, que é sempre muito bem. Espero que não haja novidade. Se voltarmos a nos encontrar, quero que me conte tudo. Diga-lhes que parti para outras férias, mas que desta vez não voltarei.

Houve uma grande agitação na aldeia quando Prentice transmitiu tal mensagem às pessoas que foram à Cozinha. "Imaginem, fazer uma coisa dessas!", protestaram. "E sem avisar nem se despedir! Que vamos fazer sem Mestre Cozinheiro? Não deixou ninguém para ocupar o seu lugar." Em todas as discussões que se travaram, ninguém pensou sequer em fazer do jovem Prentice o Cozinheiro. Ele estava um pouco mais alto, mas continuava a parecer um rapaz e só servira durante três anos.

Por fim, à falta de melhor, nomearam um homem da aldeia que cozinhava bastante bem, mas em pequena escala. Quando era mais novo, tinha ajudado o Mestre em ocasiões de aperto, mas o Mestre nunca simpatizara com ele e não o quisera como aprendiz. Agora era um homem robusto, com mulher e filhos, e cuidadoso com o dinheiro. "Pelo menos não se irá embora sem avisar", disseram. "Fraca cozinha é melhor do que nenhuma. Faltam sete anos para o Bolo Grande, e nessa altura ele já deve estar à altura da situação."

Nokes, pois era esse o seu nome, ficou muito satisfeito com o caminho que as coisas tinham levado. Sempre desejara vir a ser Mestre Cozinheiro e nunca duvidara de que se sairia bem. Durante algum tempo, quando estava sozinho na Cozinha, teve o hábito de pôr o barrete branco, alto, e ver-se no fundo brilhante de uma frigideira e dizer: "Como está, Mestre? Esse chapéu fica-lhe muito bem, parece ter sido feito para ti. Espero que tudo lhe corra bem."

As coisas correram razoavelmente bem, pois ao princípio Nokes fez os possíveis e contou com a ajuda de Prentice. Na verdade, aprendeu

muito com ele, observando-o à socapa, embora nunca o admitisse. Mas, com o tempo, a altura do Banquete dos Vinte e Quatro aproximou-se e Nokes teve de pensar no Bolo Grande. Secretamente, estava preocupado com isso, pois apesar de, com sete anos de experiência, poder apresentar bolos e pastéis aceitáveis para ocasiões normais, ele sabia que o seu Bolo Grande seria ansiosamente aguardado e teria de satisfazer críticos severos. Não se tratava apenas das crianças. Tinha de ser fornecido aos que ajudavam a preparar o banquete um bolo menor, mas com os mesmos ingredientes e a mesma cozedura. Esperava-se também que o Bolo Grande tivesse algo de novo e surpreendente e não fosse uma mera repetição do anterior.

A principal idéia que o Cozinheiro tinha era de que deveria ser muito doce e rico; e resolveu que seria completamente envolto numa cobertura de açúcar (para o que Prentice tinha boa mão). "Isso lhe dará um ar de conto de fadas", pensava. Fadas e doces eram das muito poucas idéias que ele tinha a respeito dos gostos das crianças. Das fadas, pensava, as pessoas esqueciam-se, quando cresciam; mas ele continuava muito amigo de doces. "Ah, como um conto de fadas!", pensou. "Isso dá-me uma idéia..." E foi assim que lhe veio à cabeça a idéia de colocar num pináculo no meio do Bolo uma bonequinha toda vestida de branco e tendo na mão uma varinha com uma estrela prateada na ponta. À volta dos seus pés ler-se-ia, em letras de açúcar cor-de-rosa: Rainha das Fadas.

Mas quando começou a preparar os ingredientes para fazer o Bolo, verificou que tinha apenas recordações muito vagas do que deveria conter um Bolo Grande, por isso, procurou em diversos velhos livros de receitas deixados por anteriores cozinheiros. Intrigavam-no, mesmo quando conseguia decifrar a letra, pois mencionavam muitas coisas de que nunca ouvira falar e algumas que esquecera e que não tinha agora tempo para arranjar. Mas pensou que deveria experimentar uma ou duas especiarias de que os livros falavam. Coçou a cabeça e lembrou-se de uma velha caixa preta com diversos compartimentos, na qual o último Cozinheiro guardara em tempos especiarias e outras coisas para bolos especiais. Não a vira desde que assumira o cargo, mas procurou-a e encontrou-a numa prateleira alta, na despensa.

Tirou-a para baixo e soprou o pó da tampa. Mas quando a abriu verificou que restavam muito poucas especiarias, e mesmo essas estavam

secas e mofentas. Num compartimento, ao canto, descobriu, porém, uma estrelinha, pouco maior que uma pequena moeda, escurecida como se fosse de prata e se tivesse embaçado. "É engraçada!", disse, enquanto erguia a estrelinha para a luz.

— Não, não é! — disse uma voz atrás dele, tão inesperadamente que o Cozinheiro deu um pulo.

Era a voz de Prentice, que nunca tinha falado ao Mestre naquele tom. Na verdade, ele raramente falava a Nokes, a não ser que este lhe falasse primeiro, o que estava muito certo e era muito apropriado num jovem. Ele podia ter muita habilidade para fazer as coberturas dos bolos, mas ainda tinha muito que aprender — era esta a opinião de Nokes.

— Que quer dizer, meu rapaz? — perguntou, pouco satisfeito — Se não é engraçada, o que é?

— É mágica — respondeu Prentice — Veio do Reino das Fadas.

O Cozinheiro riu-se.

— Está bem, está bem! Quer dizer a mesma coisa; mas chame-a disso, se quiser. Um dia há de crescer. Agora trata de tirar as sementes das passas. Se encontrar algumas engraçadas e mágicas, diga-me.

— Que vai fazer com a estrela, Mestre? — perguntou Prentice.

— Pô-la no Bolo, claro — respondeu o Cozinheiro — É precisamente o indicado, sobretudo se é mágica — zombou — Suponho que você próprio assististe a festas de crianças, e não deve haver muito tempo, onde se misturavam na massa dos bolos pequenas prendas como esta, pequenas moedas e coisas assim. Nesta aldeia, pelo menos, o fazemos. Diverte as crianças.

— Mas isso não é uma prenda, Mestre, é uma estrela mágica — disse Prentice.

— Você já disse — replicou, mal-humorado, o Mestre — Muito bem, direi às crianças. Vai fazê-las rir.

— Não acho que faça, Mestre — discordou Prentice — Mas é o que se deve fazer, perfeitamente.

— Com quem julga que está falando? — perguntou Nokes. A seu tempo, o Bolo foi feito, cozido e coberto de açúcar, em grande parte por Prentice.

— Como gosta tanto de fadas, deixo-te fazer a Rainha das Fadas — disse-lhe Nokes.

— Muito bem, Mestre. Eu faço-a, se está muito atarefado. Mas a idéia foi sua e não minha.

— É a mim que compete ter idéias e não a ti — respondeu Nokes.

No banquete, o Bolo encontrava-se no meio da mesa comprida, no interior de um círculo de vinte e quatro velas vermelhas. A sua parte de cima formava uma pequena montanha branca, em cujos lados cresciam pequenas árvores, cintilantes como se estivessem cobertas de geada; no cume erguia-se uma minúscula figura branca apoiada num pé, como uma donzela das neves a dançar, tendo na mão uma pequenina varinha de gelo que a luz fazia refulgir.

As crianças olharam-na de olhos muito abertos e uma ou duas bateram palmas e gritaram:

— Não é tão bonita? Parece uma fada!

Tais palavras encantaram o Cozinheiro, mas o aprendiz pareceu descontente. Estavam ambos presentes: o Mestre para cortar o bolo, quando chegasse a altura, e o aprendiz para afiar a faca e entregá-la ao Mestre.

Por fim, o Cozinheiro pegou na faca e avançou para a mesa.

— Devo dizer-lhes, meus queridos, que debaixo desta encantadora cobertura está um bolo feito de muitas coisas boas para comer; mas bem misturadas com ele estão também muitas coisinhas bonitas e pequenas moedas e outras prendas, e eu tenho ouvido dizer que dá sorte encontrar uma dessas coisas na nossa fatia. Foram misturadas no Bolo vinte e quatro prendas; por isso, deve haver uma para cada um, se a Rainha das Fadas fizer jogo limpo. Mas ela nem sempre o faz: é uma criaturinha traiçoeira. Perguntem ao Sr. Prentice.

O aprendiz voltou-se e estudou as caras das crianças.

— Não, já me esquecia! — exclamou o Cozinheiro — Desta vez há vinte e cinco coisas. Além das restantes, há também uma estrelinha de prata, uma estrelinha mágica especial, segundo o Sr. Prentice diz. Por isso, tenham cuidado! Se partirem nela um dos bonitos dentinhos da frente, a estrela mágica não o consertará. Mas mesmo assim acho que dará muita sorte achá-la.

Era um bom bolo e ninguém teve nenhum defeito a apontar-lhe, a não ser o de não ser maior que o necessário. Depois de cortado, deu uma fatia grande para cada uma das crianças, mas não sobrou nada: não haveria repetições. As fatias não tardaram a desaparecer e, de vez em quando, era encontrada uma prenda ou uma moeda. Uns encontraram uma dessas coisas, outros encontraram duas e diversos não encontraram nenhuma; pois a sorte é assim mesmo, quer haja uma boneca com uma varinha de condão em cima do bolo, quer não. Mas quando o Bolo ficou todo comido, não havia sinal de nenhuma estrela mágica.

— Esta agora! — exclamou o Cozinheiro — Quer dizer que não podia ser de prata; deve ter-se derretido. Ou talvez o Sr. Prentice tivesse razão e fosse realmente mágica, e por isso tivesse desaparecido e voltado para o Reino das Fadas. Não acho que tenha sido uma partida bonita, não senhor — Olhou para Prentice com um sorriso amarelo, e Prentice fitou nele os olhos escuros, mas não sorriu.

Na verdade, a estrela de prata era realmente uma estrela mágica: o aprendiz não era pessoa que se enganasse a respeito de coisas desse gênero. O que acontecera fora que um dos rapazes presentes no Banquete a engolira sem sequer dar por isso, embora já tivesse encontrado uma moeda de prata na sua fatia, moeda que dera a Nell, a garotinha sentada a seu lado e que estava muito decepcionada por não ter encontrado nada que desse sorte no seu bolo. O rapaz perguntava às vezes a si mesmo o que teria acontecido à estrela, sem saber que ela permanecia dentro dele, escondida num lugar onde não seria sentida, pois era assim que devia ser. Aí esperou muito tempo, até o seu dia chegar.

O Banquete tinha sido no meio do Inverno e agora corria Junho e

a noite estava clara. O rapaz levantou-se antes do alvorecer, pois não queria dormir: era o dia do seu décimo aniversário. Olhou pela janela e o mundo pareceu-lhe sossegado e como que à espera de qualquer coisa. Uma pequena brisa, fresca e fragrante, agitava as árvores que despertavam. Depois chegou a alvorada e ele ouviu muito ao longe começar o canto do alvorecer dos pássaros, que cresceu ao avançar na sua direção, passou num ímpeto por cima dele, encheu a terra toda à volta da casa e passou como uma onda de música para Ocidente, enquanto o Sol subia acima da beira do mundo.

— Faz-me lembrar o Reino das Fadas — ouviu-se a si próprio dizer — Mas no Reino das Fadas as pessoas também cantam.

Depois começou a cantar, em voz alta e clara e com palavras estranhas que parecia saber de cor. E nesse momento a estrela caiu-lhe da boca e ele apanhou-a na mão aberta. Tornara-se de prata brilhante, a luzir ao sol; mas estremeceu e ergueu-se um pouco, como se se preparasse para voar. Sem pensar, o rapaz bateu com a mão na testa, no meio da qual a estrela ficou e onde a usou durante muitos anos.

Poucas pessoas da aldeia repararam, embora ela não fosse invisível aos olhos atentos; mas tornou-se parte da cara do rapaz e geralmente não brilhava. Parte da sua luz passou para os olhos dele. E a voz do rapaz, que começara a tornar-se bela assim que a estrela ficara com ele, tornou-se ainda mais bela à medida que ele foi crescendo. As pessoas gostavam de ouvi-lo falar, nem que fosse para dar apenas um simples "bom-dia".

Tornou-se muito conhecido na sua região, não somente na sua própria aldeia, mas também em muitas outras em redor, por causa de ser um bom artífice. O seu pai era ferreiro e ele seguiu-o no ofício, que aperfeiçoou. Chamaram-lhe Smithson enquanto o pai foi vivo e, depois, apenas Smith{6}. Pois nesse tempo ele era o melhor ferreiro entre Far Easton e Westwood, e era capaz de fazer todas as coisas de ferro na sua oficina de ferreiro. Claro que na sua maioria eram coisas simples e úteis, para as necessidades de todos os dias: ferramentas para a agricultura, ferramentas para carpinteiros, utensílios de cozinha e tachos e panelas, trancas, fechaduras e dobradiças, ganchos para suspender panelas, cães-de-chaminé, ferraduras e coisas que tais. Eram fortes e duráveis, mas

possuíam também uma certa graça nas suas formas, eram de manejo fácil e agradáveis ao olhar.

Mas, quando tinha tempo, ele fazia algumas coisas para seu deleite; e eram muito bonitas, pois ele sabia trabalhar o ferro e dar-lhe formas maravilhosas que pareciam tão leves e delicadas como um ramo de folhas e flores, mas conservavam a força do ferro ou pareciam até mais fortes. Poucos passavam por uma das cancelas ou gelosias que ele fazia sem pararem para admirá-las; e ninguém podia transpô-las quando estavam fechadas. Ele cantava, quando fazia coisas deste gênero; e quando Smith começava a cantar os que se encontravam perto abandonavam o trabalho e iam escutá-lo na oficina de ferreiro.

Isto era o que a maioria das pessoas sabiam a respeito dele. Era na verdade o suficiente, e mais do que a maior parte dos homens e das mulheres da aldeia conseguiam, mesmo aqueles que eram hábeis na sua arte e trabalhadores. Mas havia mais a saber, pois Smith relacionara-se com o Reino das Fadas, do qual conhecia algumas regiões tão bem quanto é dado a qualquer mortal conhecer. No entanto, como muita gente se tornara como Nokes, ele falava disso a poucas pessoas, tirando a sua mulher e os seus filhos. A sua mulher era Nell, a quem ele dera a moeda de prata, e a sua filha era Nan e o seu filho Ned Smithson. Aliás, não poderia ter guardado segredo com eles, pois às vezes viam-lhe a estrela brilhando na testa, quando regressava de um dos longos passeios que, de vez em quando, dava sozinho pela noitinha, ou quando voltava de uma viagem.

De vez em quando partia, umas vezes a pé e outras a cavalo, e supunha-se geralmente que ia tratar de negócios, sendo umas vezes assim e outras não. Pelo menos não ia procurar encomendas nem comprar ferro-gusa, carvão e outros materiais, embora ele tratasse de tais coisas com cuidado e soubesse muito bem como transformar uma moeda honestamente ganha em duas, como então se dizia. Mas tinha negócios de um gênero especial no Reino das Fadas, onde era bem recebido; pois a estrela brilhava-lhe na fronte e ele encontrava-se tão seguro quanto era possível a um mortal naquele país perigoso. Os Demônios Inferiores evitavam a estrela, e dos Demônios Superiores estava ele protegido.

Por tal se sentia grato, pois depressa compreendera não ser

possível abordar sem perigo as maravilhas do Reino das Fadas e que muitos dos Demônios não podiam ser desafiados sem armas de tão grande força que nenhum mortal as conseguia empunhar. Manteve-se estudioso e explorador, e não guerreiro; e embora, com o tempo, tivesse sido capaz de forjar armas que no seu próprio mundo teriam poder suficiente para se tornarem matéria de grandes histórias e dignas do resgate de um rei, sabia que no Reino das Fadas pouco valor teriam tido. Por isso, de todas as coisas que fez, não há memória de que tenha jamais forjado uma espada, uma lança ou a ponta de uma flecha.

A princípio, no Reino das Fadas, andou em grande parte, pacatamente, entre a gente de menos importância e as bondosas criaturas das florestas e dos prados de belos vales, e pela beira das luminosas águas onde à noite brilhavam estranhas estrelas e ao alvorecer se espelhavam os picos cintilantes de montanhas longínquas. Algumas das suas visitas mais breves passou-as a olhar apenas para uma flor ou para uma árvore; mas mais tarde, em viagens mais longas, viu coisas em que havia simultaneamente beleza e terror e de que depois não conseguia lembrar-se claramente nem contar aos seus amigos, embora soubesse que tinham ficado a habitar no fundo do seu coração. Mas algumas coisas não as esquecia e permaneciam-lhe na mente como maravilhas e mistérios que freqüentemente recordava.

Quando começou a caminhar para longe sem um guia, pensou que descobriria os limites extremos da Terra; mas ergueram-se à sua frente grandes montanhas e, indo por longos caminhos à volta delas, chegou por fim a uma costa desolada. Parou ao lado do mar da Tempestade sem Vento, onde as ondas azuis como montes coroados de neve rolam silenciosamente, vindas do Não Iluminado para a praia comprida e trazendo os barcos brancos que regressam de batalhas nas Marcas Escuras das quais os homens nada sabem. Viu um grande barco ser lançado, alto, para terra e as águas recuarem em espuma, sem um ruído. Os marinheiros élficos eram altos e terríveis; as suas espadas brilhavam, as suas lanças cintilavam, e tinham nos olhos uma luz não penetrante. De súbito, ergueram a voz num canto triunfal e o coração de Smith estremeceu de medo, e ele caiu de bruços e eles passaram-lhe por cima e afastaram-se para os montes ecoantes.

Depois não voltou a ir para essa praia, convencido de que estava

num reino insular cercado pelo mar, e voltou os seus pensamentos para as montanhas, desejando chegar ao coração do reino. Uma vez, nessas preambulações, foi alcançado por uma grande névoa e andou muito tempo perdido, até a névoa se dissipar e ele verificar que se encontrava numa vasta planície. Muito ao longe havia um grande monte de sombra e ele viu emergir dessa sombra, que era a sua raiz, a Árvore do Rei, erguendo-se para o céu torre após torre, e a sua luz era como o Sol ao meio-dia; e a Árvore tinha simultaneamente folhas, flores e frutos incontáveis, nenhum dos quais era igual a quaisquer outros que cresciam na Árvore.

Não voltou a ver essa Árvore, embora a tivesse procurado muitas vezes. Numa dessas viagens, ao subir para as montanhas Exteriores, chegou a um vale profundo entre elas, e no seu fundo havia um lago calmo e liso, embora uma brisa agitasse as florestas que o cercavam. Nesse vale a luz era como um poente vermelho, mas subia do lago. Ele olhou para baixo, de um rochedo que se lhe sobrepunha, e pareceu-lhe que conseguia ver até uma profundidade incomensurável; e observou estranhas formas de chama que se dobravam, dividiam e ondulavam como grandes ervas numa garganta de mar; e criaturas ígneas andavam de um lado para o outro entre elas. Cheio de espanto, desceu até à beira-d'água e quis experimentá-la com o pé. Mas não era água: era mais duro do que pedra e mais liso do que vidro. Passou-lhe por cima e caiu pesadamente, e um bum! vibrante correu através do lago e ecoou nas suas margens.

Ato contínuo, a brisa transformou-se num Vento desvairado que rugia como uma grande fera, o ergueu no ar e atirou para a margem, e o impeliu pelas encostas acima, rodopiando e caindo como uma folha morta. Enlaçou com os braços o tronco de uma jovem bétula, e agarrou-se bem, e o Vento lutou ferozmente com eles, tentando arrancá-lo do tronco; mas a bétula foi dobrada para o chão pelas rajadas e envolveu-o com os seus ramos. Quando, por fim, o Vento passou, ele levantou-se e viu que a bétula estava nua. Despida de todas as folhas, chorava, e as lágrimas caíam-lhe dos ramos como chuva. Pôs a mão na casca branca e disse: "Abençoada seja a bétula! Que posso fazer como compensação ou como agradecimento?" Sentiu a resposta da árvore passar-lhe através da mão: "Nada. Vai-te embora! O Vento persegue-te. Não pertence aqui.

Vai-te embora e não volte nunca!"

Enquanto subia, para sair do vale, sentiu as lágrimas da bétula escorrer-lhe pela cara e amargar-lhe nos lábios. Seguiu pela longa estrada de coração triste e durante algum tempo não voltou a entrar no Reino das Fadas. Mas não pôde esquecê-lo e quando regressou era ainda mais forte o seu desejo de penetrar profundamente na terra.

Por fim, encontrou uma estrada através das montanhas Exteriores, e seguiu por ela até chegar às montanhas Interiores, que eram altas, a pique e assustadoras. No entanto, acabou por encontrar uma passagem que conseguiu escalar, e num dia de dias grandemente temerários transpôs uma estreita fenda e olhou para baixo, embora não o soubesse, para o vale da Manhã Eterna, onde o verde ultrapassa o dos prados do Reino Exterior das Fadas, assim como eles ultrapassam os nossos na nossa Primavera. O ar é aí tão claro que os olhos podem ver a língua vermelha dos pássaros quando eles cantam nas árvores do lado oposto do vale, embora este seja muito grande e os pássaros não sejam maiores que carriças.

Do lado interior, as montanhas desciam em longas vertentes cheias de ruído de espumejantes quedas-d'água, e ele apressou-se, com grande deleite. Quando pôs os pés na erva do vale, ouviu vozes élficas a cantar e, num relvado ao lado de um rio onde brilhavam lírios, deparou-se com muitas donzelas a dançar. A velocidade, a graça e os modos sempre diferentes do seu movimento encantaram-no, e ele avançou para a sua roda. Subitamente, elas imobilizaram-se e uma jovem donzela de cabelos esvoaçantes e saia de pregas saiu da roda e foi ao seu encontro.

Riu-se, ao falar-lhe:

— Está tornando-se ousado, Testa Estrelada, não está? Não receia o que a Rainha possa dizer se souber disto? A não ser que tenha a sua autorização?

Ficou envergonhado, pois teve consciência do que pensou e soube que ela lhe leu o pensamento: que a estrela da sua fronte era um passaporte para ir aonde quisesse. Mas naquele momento ficou sabendo que não era. Ela sorriu, no entanto, e voltou a falar:

— Vem! Já que está aqui, dançará comigo — e deu-lhe a mão e levou-o para a roda.

Dançaram juntos e durante um bocado ele soube o que era ter a rapidez, a força e a alegria de acompanhá-la. Durante um bocado. Pois em breve pararam de novo e ela baixou-se e colheu uma flor da frente dos seus pés, a qual lhe pôs no cabelo.

— Agora, adeus! — disse — Talvez voltemos a encontrar-nos, com autorização da Rainha.

Esqueceu tudo daquela viagem de regresso a casa, depois do encontro, até se encontrar cavalgando pelas estradas do seu próprio país; e nalgumas aldeias as pessoas fitaram-no com espanto, e seguiram-no com o olhar até ele desaparecer de vista. Quando chegou a sua casa, a filha saiu correndo e acolheu-o com alegria; ele regressara mais cedo do que seria de esperar, mas não muito cedo para aqueles que o esperavam.

— Paizinho! — gritou a filha — Onde esteve? A sua estrela está brilhando muito!

Quando transpôs o limiar da porta, a estrela embaçou-se de novo; mas Nell pegou-lhe na mão e conduziu-o para a lareira, e aí voltou-se e olhou-o.

— Querido homem, onde esteve e o que viu? Tem uma flor no cabelo.

Tirou-lha delicadamente da cabeça e depositou-a na mão. Parecia uma coisa vista de uma grande distância, embora ali estivesse, e emanava uma luz que projetava sombras nas paredes da sala e não escurecia ao anoitecer. A sombra do homem que estava à frente de Nell erguia-se, alta, com a grande cabeça inclinada para ela.

— Parece um gigante, paizinho — disse o filho, que ainda não falara.

A flor não murchou nem perdeu a luz, e eles conservaram-na como um segredo e um tesouro. O ferreiro fez uma caixa pequena para ela, com uma chave, e lá foi guardada e passada de mão em mão ao longo de muitas gerações da sua família; e os que herdaram a chave

abriam por vezes a caixinha e olhavam longamente para a Flor Viva, até a caixa se voltar a fechar — a altura em que se fechava não era da escolha deles.

Os anos não paravam de se suceder na aldeia. Muitos tinham já passado. No Banquete das Crianças em que recebera a estrela, o ferreiro ainda não tinha dez anos. Depois houve outro Banquete dos Vinte e Quatro, altura em que Alf se tomara Mestre Cozinheiro e escolhera um novo aprendiz, chamado Harper. Doze anos depois, o ferreiro regressara com a Flor Viva; e agora ia realizar-se outro Banquete dos Vinte e Quatro, no Inverno próximo. Num dia desse ano, era então Outono, Smith passeava nas florestas do Reino Exterior das Fadas. Havia folhas douradas nos ramos e folhas vermelhas no chão. Soaram passos atrás dele, mas o ferreiro não lhes deu importância nem se voltou, pois estava absorto nos seus pensamentos.

Naquela visita recebera uma convocação e percorrera um longo caminho. Mais longo, parecia-lhe, que qualquer anteriormente percorrido. Tinha sido guiado e guardado, mas pouco recordava dos lugares por onde andara, pois freqüentemente os seus olhos tinham sido vendados pela névoa ou pela sombra, até chegar finalmente a um lugar elevado, sob um céu noturno de inúmeras estrelas. Tinha então sido levado à presença da própria Rainha, que não usava coroa nem tinha trono. Erguia-se na sua majestade e glória e à volta dela encontrava-se uma grande hoste luminosa e cintilante como as estrelas do céu; mas ela era mais alta do que as pontas das grandes lanças e sobre a sua cabeça ardia uma chama branca. Fez um sinal para ele se aproximar e, trêmulo, ele avançou. Uma trompa sonora e cristalina soou e — pasmo! — ficaram sós.

Estava parado diante dela e não se ajoelhou numa manifestação de cortesia, pois sentia-se estupefato e achava que, para um ser tão ínfimo como ele, todos os gestos eram vãos. Por fim, levantou a cabeça e fitou o rosto e os olhos gravemente inclinados para ele; e ficou perturbado e mais estupefato ainda, pois nesse momento reconheceu-a de novo: era a bela donzela do vale Verde, a dançarina a cujos pés irrompiam flores. Ela sorriu, ao ver que ele se lembrava, e aproximou-se mais; e falaram longamente, a maior parte do tempo sem palavras, e ele aprendeu muitas coisas no pensamento dela, algumas das quais lhe

deram alegria e outras o encheram de pesar. Depois o seu pensamento recuou ao longo da sua vida, até chegar ao dia do Banquete das Crianças, e à chegada da estrela, e, de súbito, viu de novo a figurinha dançante com a sua varinha de condão e, envergonhado, desviou os olhos da beleza da Rainha.

Mas ela riu-se de novo, como se rira no vale da Eterna Manhã.

— Não esteja pesaroso por mim, Testa Estrelada — disse — Nem muito envergonhado com a sua própria gente. Talvez seja melhor uma pequena boneca do que nenhuma lembrança do Reino das Fadas. Para alguns, um único vislumbre. Para outros, o despertar. Desde esse dia sentiu no coração o desejo de me ver, e eu satisfiz-te esse desejo. Mas não posso dar-te mais nada. Agora, na despedida, faço de ti meu mensageiro. Se encontrar o Rei diga-lhe: Chegou o momento. Ele que escolha.

— Mas, Senhora das Fadas — gaguejou o ferreiro —, onde está o Rei? — Fizera a mesma pergunta, muitas vezes, a pessoas do Reino das Fadas e todas lhe tinham respondido o mesmo: "Ele não nos disse."

E a Rainha respondeu:

— Se ele te não disse, Testa Estrelada, então não devo dizer-te. Mas ele faz muitas viagens e pode ser encontrado nos lugares menos esperados. Agora ajoelha, para a tua cortesia.

Então ele ajoelhou e ela inclinou-se e pôs-lhe a mão na cabeça, e desceu sobre ele um grande silêncio; e pareceu-lhe estar simultaneamente no Mundo e no Reino das Fadas, e também fora deles e vigiando-os, de modo que estava ao mesmo tempo pesaroso e com um sentimento de propriedade e paz. Quando, passado um momento, o silêncio terminou, levantou a cabeça e ergueu-se. A alvorada clareava o céu e as estrelas tinham empalidecido, e a Rainha desaparecera. Muito ao longe, ouviu o eco de uma trompa, nas montanhas. O campo alto onde se encontrava estava silencioso e vazio: e ele soube que o seu caminho conduzia agora ao pesar.

Esse lugar de encontro tinha ficado já muito para trás e ele caminhava entre as folhas caídas, meditando em tudo quanto vira e

aprendera. Os passos aproximaram-se. De súbito, uma voz perguntou, a seu lado:

— Segue o mesmo caminho que eu, Testa Estrelada?

Abandonou os pensamentos com um estremecimento e viu um homem a seu lado. Era alto e caminhava ligeira e rapidamente. Vestia todo de verde-escuro e usava um capuz que lhe velava parcialmente o rosto. O ferreiro ficou intrigado, pois só a gente do Reino das Fadas o tratava por "Testa Estrelada" e não se lembrava de ter alguma vez visto aquele homem. No entanto, tinha a desagradável sensação de que deveria conhecê-lo.

— Que caminho segue, então? — perguntou.

— Regresso à sua aldeia — respondeu o homem — e espero que também esteja de volta.

— Estou deveras — confirmou o ferreiro — Caminhemos juntos. Mas agora lembrei-me de uma coisa. Antes de iniciar a minha viagem de regresso a casa, uma Grande Dama deu-me um recado, mas em breve sairemos do Reino das Fadas e eu não creio que volte cá mais. E o senhor?

— Sim, eu voltarei. Pode dar-me o recado.

— Mas o recado era para o Rei. Sabe onde encontrá-lo?

— Sei. De que recado se trata?

— A Dama pediu-me apenas que lhe dissesse: Chegou o momento. Ele que escolha.

— Compreendo. Não se preocupe mais.

Seguiram o caminho lado a lado, num silêncio só interrompido pela restolhada das folhas à volta dos seus pés; mas percorridos alguns quilômetros, quando ainda se encontravam nos limites do Reino das Fadas, o homem parou. Voltou-se para o ferreiro e puxou o capuz para trás. Então o ferreiro conheceu-o. Era Alf, o Prentice, como o ferreiro ainda lhe chamava mentalmente, sempre recordado do dia em que, jovem, Alf se encontrara no Salão com a faca cintilante para cortar o

Bolo e os olhos brilhando à luz das velas. Já devia ser um velho, pois fora Mestre Cozinheiro durante muitos anos; mas ali, parado à entrada da Floresta Exterior, parecia o aprendiz de há muito tempo, embora mais senhoril: não tinha cãs no cabelo nem rugas no rosto, e os seus olhos brilhavam como se refletissem uma luz.

— Gostaria de falar contigo, Smith Smithson, antes de voltarmos ao seu país — disse ele.

O ferreiro admirou-se, pois ele próprio desejara muitas vezes falar com Alf, mas nunca conseguira. Alf saudara-o sempre bondosamente e olhara-o com olhos amigos, mas parecera evitar falar com ele a sós. Agora voltava a olhar para o ferreiro com olhos amigos; mas levantou a mão e tocou com o indicador na estrela da sua fronte. O brilho deixou-lhe os olhos e o ferreiro compreendeu que proviera da estrela, a qual devia estar brilhando e agora se embaçara. Ficou surpreendido e desviou-se, irritado.

— Não acha, Mestre Ferreiro — perguntou Alf —, que é tempo de abandonar essa coisa?

— Que tem com isso, Mestre Cozinheiro? E por que o faria eu? Não é minha? Veio parar às minhas mãos, e não pode um homem conservar as coisas que vão parar às suas mãos, pelo menos como uma recordação?

— Algumas coisas. Aquelas que são ofertas e foram dadas como recordação. Mas outras não são dadas assim. Não podem pertencer a um homem para sempre, nem ser guardadas como heranças de família. São empréstimos. Não pensou, talvez, que outra pessoa pode precisar disso. Mas assim é. O tempo urge.

O ferreiro ficou perturbado, pois era um homem generoso, e recordou com gratidão tudo quanto a estrela lhe proporcionara.

— Então, que devo fazer? — perguntou — Devo dá-la a um dos Grandes do Reino das Fadas? Devo dá-la ao Rei? — E ao perguntar tais coisas nasceu-lhe no coração a esperança de que, em tal missão, pudesse entrar uma vez mais no Reino das Fadas.

— Podia dá-la a mim — respondeu Alf —, mas talvez isso lhe

pareça muito difícil. Importa-se de ir comigo à minha despensa e repô-la na caixa onde o seu avô a colocou?

— Não sabia disso — confessou o ferreiro.

— Ninguém sabia, a não ser eu. Era a única pessoa que estava com ele.

— Então sabe, suponho, como encontrou ele a estrela e por que motivo a pôs na caixa?

— Trouxe-a do Reino das Fadas: sabe isso sem precisar perguntar — respondeu Alf — Deixou-a na esperança de que pudesse ir parar às suas mãos, seu único neto. Foi ele que me disse, pois pensava que eu poderia arranjar as coisas. Era o pai da sua mãe; não sei se ela lhe falou muito dele, nem sequer se sabia muito para lhe falar. Chamava-se Rider e era um grande viajante: tinha visto muitas coisas e sabia fazer muitas coisas antes de assentar e se tornar Mestre Cozinheiro. Mas foi-se embora quando você tinha apenas dois anos... e não encontraram ninguém melhor para lhe suceder do que Nokes, coitado. No entanto, como esperávamos, em devido tempo tornei-me Mestre. Este ano farei outro Bolo Grande: serei o único Cozinheiro que há memória de ter feito um segundo. Desejo pôr a estrela nele.

— Muito bem, tê-la-á — disse o ferreiro, olhando para Alf como se tentasse ler-lhe os pensamentos — Sabe quem a encontrará?

— Que lhe interessa isso, Mestre Ferreiro?

— Gostaria de saber, se o senhor sabe, Mestre Cozinheiro. Talvez se torne mais fácil separar-me de uma coisa que me é tão querida. O filho da minha filha é muito novo.

— Talvez sim e talvez não. Veremos — respondeu Alf.

Não disseram mais nada e seguiram o seu caminho até saírem do Reino das Fadas e chegarem finalmente à aldeia. Então dirigiram-se para o Salão. No mundo, o Sol estava a pôr-se e brilhava uma luz vermelha nas janelas. As esculturas douradas da grande porta reluziam, e estranhos rostos de muitas cores olhavam para baixo, dos repuxos existentes sob o telhado. O Salão tinha sido reesmaltado e repintado não havia ainda

muito tempo, o que dera origem a muitos debates no Conselho. Alguns não tinham gostado e chamavam-lhe "modernista", mas outros com mais conhecimentos sabiam que era um regresso ao antigo costume. No entanto, como não custara um centavo a ninguém e o Mestre Cozinheiro devia ter pago ele próprio a despesa, fora-lhe permitido fazer as coisas à sua maneira. Mas o ferreiro, que não vira ainda a tal luz, parou olhando maravilhado para o Salão, esquecido do que ali o levara.

Sentiu tocarem-lhe no ombro e Alf conduziu-o a uma pequena porta de trás. Abriu-a e levou o ferreiro por um corredor escuro até à despensa. Acendeu então uma vela alta, abriu um armário que estava fechado à chave e tirou a caixa preta de uma prateleira. Agora estava polida e adornada com arabescos prateados.

Levantou a tampa e mostrou-a ao ferreiro. Um pequeno compartimento estava vazio; os outros estavam cheios de especiarias frescas e de cheiro pungente, e os olhos do ferreiro começaram a chorar. Levou a mão à testa e a estrela saiu sem dificuldade, mas ele sentiu uma súbita punhalada de dor e correram-lhe lágrimas pelas faces. Embora a estrela brilhasse de novo, na sua mão, não podia vê-la, a não ser como uma mancha ofuscante de luz que parecia muito distante.

— Não vejo bem — disse — Tem de pô-la lá por mim. Estendeu a mão e Alf pegou na estrela e depositou-a no seu lugar, onde voltou a escurecer.

O ferreiro voltou-se sem uma palavra e dirigiu-se tateando para a porta. No limiar verificou que a sua vista clareara de novo. Anoitecia e a estrela vespertina brilhava no céu luminoso, perto da Lua. Quando se encontrava parado admirando a sua beleza, sentiu tocarem-lhe no ombro e virou-se.

— Deu-me a estrela livremente — disse Alf — Se ainda deseja saber que criança ficará com ela, lhe direi.

— Desejo, sim.

— Será para aquela que indicar.

O ferreiro ficou assombrado e não respondeu logo.

— Bem — disse, hesitante —, não sei o que pensará da minha escolha. Creio que tem poucos motivos para gostar do nome de Nokes, mas, enfim, o seu pequeno bisneto, o Tim do Nokes de Townsend, vai ao Banquete. O Nokes de Townsend é muito diferente.

— Já tinha observado isso — confessou Alf — Teve uma mãe sensata.

— Sim, a irmã da minha Nell. Mas tirando o parentesco gosto do pequeno Tim... embora ele não seja uma escolha óbvia.

Alf sorriu.

— Você também não era. Mas concordo. Na verdade, eu já tinha escolhido o Tim.

— Então por que me pediu que escolhesse?

— A Rainha desejou que o fizesse. Se o senhor tivesse escolhido diferente, eu teria cedido.

O ferreiro olhou demoradamente para Alf. Depois, de súbito, inclinou-se muito.

— Finalmente compreendo, senhor — disse — Fez-nos uma grande honra.

— Fui recompensado — respondeu Alf — Agora vá para casa em paz.

Quando o ferreiro chegou a casa, nos limites ocidentais da aldeia, encontrou o filho à porta da forja. Acabara de fechá-la à chave, pois o dia de trabalho terminara, e estava parado olhando para a estrada branca por onde o seu pai costumava regressar das viagens. Ao ouvir passos, voltou-se surpreendido, viu-o vir do lado da aldeia e correu ao seu encontro. Abraçou-o, numas boas-vindas enternecidas.

— Desde ontem que o espero, pai — Depois olhou para o rosto do pai e acrescentou, preocupado: — Como parece cansado! Talvez tenha andado muito?

— Andei, sim, meu filho, andei muito. Todo o caminho do

Alvorecer ao Escurecer.

Entraram juntos em casa, iluminada apenas pelo fogo que tremeluzia na lareira. O filho acendeu velas e durante um bocado sentaram-se à lareira, silenciosos; pois tinham-se apoderado do ferreiro uma grande fadiga e uma grande desolação. Por fim, olhou em redor, como se despertasse, e perguntou:

— Por que estamos sós?

O filho olhou-o atentamente.

— Porquê? A mãe está em Minor, em casa da Nan. É o segundo aniversário do rapazinho. Esperavam que o pai também estivesse lá.

— Ah, sim! Devia ter estado... devia ter estado, Ned, mas demoraram-me; e tive de pensar em certos assuntos que durante algum tempo expulsaram tudo o mais do meu pensamento. Mas não esqueci o Tomling.

Levou a mão ao peito e tirou uma pequena carteira de cabedal macio.

— Trouxe-lhe uma coisa. Talvez o velho Nokes lhe chamasse uma prenda... mas vem do Reino das Fadas, Ned.

Tirou da carteira um pequeno objeto de prata. Parecia a haste lisa de um minúsculo lírio, de cujo cimo saíam três flores delicadas, curvadas para baixo como bonitas campainhas. E campainhas eram, pois quando as agitou devagarzinho cada flor emitiu uma notazinha clara. Quando se ouviu o suave ruído as velas tremeluziram e depois, durante um momento, deram uma luz branca.

Os olhos de Ned estavam maravilhados e muito abertos.

— Posso ver, pai? — Pegou no objeto com dedos cuidadosos e observou as flores — O trabalho é uma maravilha! E as campainhas têm um perfume, um perfume que me lembra de... que me lembra de... ora, de qualquer coisa que esqueci!

— Sim, o perfume dura um bocadinho, depois de as campainhas tocarem. Mas não tenha receio de lhe mexer, Ned. Foi feito para uma

criancinha brincar. Não lhe pode fazer nenhum mal, nem dela receber nenhum.

O ferreiro meteu o presente na carteira e guardou-a.

— Amanhã levo-o pessoalmente a Wootton Minor — decidiu — Talvez a Nan, o seu Tom e a mãe me perdoem. Quanto ao Tomling, para ele ainda não chegou a altura de contar os dias... e as semanas, os meses e os anos.

— Tem razão. Vá, pai. Eu gostaria de ir contigo, mas acho que tão cedo não poderei ir a Minor. Não poderia ter ido ontem, mesmo que não tivesse esperado aqui por você. Há muito trabalho em mãos e está chegando mais.

— Não, não, filho de ferreiro! Faz um feriado! O nome de avô não enfraqueceu, nem enfraquecerá os meus braços ainda por uns tempos. Deixa vir o trabalho! Agora haverá dois pares de mãos para despachá-lo, todos os dias úteis. Não voltarei a fazer viagens, Ned... pelo menos longas, se me entendes.

— É então isso, pai? Já perguntara a mim mesmo o que teria acontecido à estrela. É doloroso — Pegou na mão do pai — Sinto-o por ti; Mas também é bom para esta casa. Sabe, Mestre Ferreiro, ainda poderá ensinar-me muitas coisas, se tiver tempo. E não me refiro somente ao trabalho do ferro.

Jantaram juntos e muito depois de terem comido continuavam sentados à mesa, enquanto o ferreiro contava ao filho a sua última viagem ao Reino das Fadas e lhe falava de outras coisas que lhe vinham à cabeça — mas acerca da escolha do próximo portador da estrela não disse nada.

Por fim, o filho olhou-o e disse:

— Pai, lembra-se do dia em que voltou com a Flor? E eu disse que parecia um gigante, pela sua sombra? A sombra era a verdade. Foi então com a própria Rainha que dançou! No entanto, entregou a estrela... Espero que ela calhe a alguém tão digno como o pai. A criança deverá sentir-se grata.

— A criança não saberá — declarou o ferreiro — É assim que acontece com certos presentes. Bem, acabou-se. Entreguei-a e volto para o malho e para as tenazes.

É estranho, mas o velho Nokes, que troçara do seu aprendiz, nunca conseguira esquecer o desaparecimento da estrela do Bolo, embora isso tivesse acontecido havia muitos anos. Tornara-se gordo e preguiçoso e reformara-se do seu cargo aos 60 anos (que não era uma idade muito avançada na aldeia). Agora estava no fim da casa dos 80 e era de uma corpulência enorme, pois ainda comia muito e tinha um fraco pelo açúcar. Quando não estava à mesa, passava a maior parte dos seus dias numa grande cadeira junto da janela do seu chalé, ou à porta, se estava bom tempo. Gostava de falar, pois ainda tinha muitas opiniões a dar; mas ultimamente a sua conversa girava principalmente à volta do único Bolo Grande que fizera (como estava agora firmemente convencido que acontecera), pois sempre que adormecia o Bolo enchia-lhe os sonhos. Às vezes, Prentice parava, para uma ou duas palavras. O velho cozinheiro continuava a tratá-lo assim, por Prentice, e esperava ser tratado por Mestre. Prentice tinha, aliás, esse cuidado, o que era um ponto a seu favor, embora houvesse outros de quem Nokes gostava mais.

Uma tarde, Nokes cabeceava na sua cadeira junto da porta, depois do almoço. Acordou sobressaltado e encontrou Prentice parado a olhá-lo.

— Olá! — saudou — Agrada-me vê-lo, pois aquele bolo tem-me estado outra vez na idéia. Na realidade, estava agora mesmo pensando nele. Foi o melhor bolo que fiz, e isso é alguma coisa! Mas talvez você tenha se esquecido.

— Não, Mestre. Lembro-me até muito bem. Mas esteve a apoquentá-lo? Foi um bom bolo, apreciado e elogiado.

— Evidentemente. Fui eu que o fiz. Mas não é isso que me apoquenta. Trata-se da prendazinha, da estrela. Não consigo perceber o que lhe aconteceu. Claro que não deve ter-se derretido. Eu só o disse para evitar que as crianças se assustassem. Tenho perguntado a mim mesmo se uma delas não a terá engolido. Mas seria isso possível? Pode-

se engolir uma das pequenas moedas e não dar por nada, mas a estrela, não. Era pequena, sem dúvida, mas tinha pontas aguçadas.

— Pois tinha, Mestre. Mas sabe realmente do que era feita a estrela? Não canse a cabeça com isso. Alguém a engoliu, garanto-lhe.

— Mas quem? Tenho boa memória e recordo especialmente esse dia. Lembro-me do nome de todas as crianças. Deixe-me pensar... Deve ter sido a Molly do Miller. Molly! Era glutona e devorava a comida. É gorda como uma saca, agora.

— Sim, há algumas pessoas que ficam assim, Mestre. Mas a Molly não devorou o bolo: encontrou duas prendas na sua fatia.

— Ah, encontrou?! Bem, então foi o Harry do Cooper. Um rapaz que parecia um tonel e com uma boca grande como a de uma rã.

— Eu diria, Mestre, que ele era um rapaz simpático, com um grande sorriso amigável. De qualquer modo, ele foi tão cuidadoso que desfez a sua fatia em bocadinhos, antes de comê-la. Não encontrou nada no seu bolo.

— Então, deve ter sido aquela menininha pálida, a Lily do Draper. Engolia alfinetes, quando era pequenina, e não lhe acontecia mal nenhum.

— Não foi a Lily, Mestre. Ela só comeu o recheio e a cobertura de açúcar e deu o resto do bolo ao rapaz sentado a seu lado.

— Então desisto. Quem foi? Você parece ter observado tudo com muita atenção... se não está agora inventando.

— Foi o filho do ferreiro, Mestre, e eu penso que foi bom para ele.

— Continue! — pediu o velho Nokes, rindo — Eu devia saber que estava brincando comigo. Não seja ridículo! Nesse tempo, o Smith era um rapaz sossegado e indolente. Agora faz mais barulho: consta-me que canta. Mas é cauteloso. Os riscos não o tentam. Mastiga duas vezes antes de engolir, e foi sempre assim, se percebe o que quero dizer.

— Percebo, Mestre. Bem, se não acredita que foi o Smith, não lhe

posso valer. Talvez já não tenha grande importância. O seu espírito ficará mais tranqüilo se eu lhe disser que a estrela está de novo na caixa? Olhe!

Prentice usava uma capa verde-escura, em que Nokes só então reparou. Das suas pregas tirou a caixa preta e abriu-a debaixo do nariz do velho cozinheiro.

— Aqui está a estrela, Mestre, ao canto.

O velho Nokes começou a tossir e a espirrar, mas por fim olhou para a caixa.

— Pois está! — confirmou — Pelo menos parece ela.

— É a mesma, Mestre. Eu próprio a coloquei lá há alguns dias. Entrará no Bolo Grande, este Inverno.

— Ah, ah! — exclamou Nokes, caçoando de Prentice; e depois desatou a rir até tremer todo como geléia — Compreendo, compreendo! Vinte e quatro crianças e vinte e quatro prendas da sorte, e a estrela como extra. Por isso, você surripiou-a antes da cozedura e guardou-a para outra ocasião. Foi sempre um indivíduo manhoso, cheio de truques. E unhas-de-fome: não desperdiçava nem um niquinho de manteiga! Ah, ah, ah! Foi então assim! Eu devia ter calculado. Bem, está tudo esclarecido. Agora posso dormir uma soneca em paz — Ajeitou-se na cadeira — Veja lá se o seu aprendiz não lhe prega nenhuma peça! Costuma dizer-se que o manhoso não conhece todas as manhas — Fechou os olhos.

— Adeus, Mestre! — despediu-se Prentice, e fechou a caixa com tanta força que o cozinheiro abriu outra vez os olhos — Nokes, o seu saber é tão grande que só duas vezes me arrisquei a dizer-lhe alguma coisa. Disse-lhe que a estrela vinha do Reino das Fadas e disse-lhe que calhou ao ferreiro. O senhor riu-se de mim. Agora, à despedida, digo-lhe mais uma coisa. Não volte a rir-se! É um velho impostor vaidoso, gordo preguiçoso e traiçoeiro. Eu fiz a maior parte do seu trabalho. Sem me agradecer, aprendeu comigo tudo quanto pôde, exceto a ter respeito pelo Reino das Fadas e um pouco de cortesia. Não tem nem a suficiente para me desejar bom-dia.

— Se falamos de cortesia — replicou Nokes —, não vejo nenhuma em tratar os mais velhos e melhores por nomes feios. Vá impingir o seu Reino das Fadas e os seus disparates para outro lado! E bom-dia, se é disso que está à espera. Agora ponha-se a andar! — Acenou com a mão, trocista — Se tem um dos seus amigos do Reino das Fadas escondido na Cozinha, mande-mo e eu dou-lhe uma vista de olhos. Se ele agitar a sua varinha de condão e me fizer de novo magro, ficarei com uma idéia melhor dele — acrescentou, rindo.

— Reservaria alguns momentos ao Rei do Reino das Fadas? — perguntou o outro.

Para espanto de Nokes, tornou-se mais alto enquanto falava. Atirou a capa para trás. Estava vestido como um Mestre Cozinheiro num Banquete, mas as suas roupas brancas brilhavam e cintilavam e na sua testa luzia uma grande pedra preciosa, como uma estrela radiante. O seu rosto era jovem, mas severo.

— Velho — disse —, mais velho que eu não é, pelo menos. Quanto a ser melhor, muitas vezes caçoou de mim, nas minhas costas. Desafia-me agora francamente?

Avançou e Nokes encolheu-se, trêmulo, como se quisesse fugir dele. Tentou gritar pedindo socorro, mas descobriu que mal podia murmurar.

— Não, senhor! — gemeu — Não me faça mal! Sou apenas um pobre velho.

O rosto do Rei suavizou-se.

— Ah, sim, fala verdade! Não tenha medo, fica à vontade. Mas não espera que o Rei do Reino das Fadas faça alguma coisa por ti antes de te deixar? Satisfaço o teu desejo. Adeus! Agora dorme!

Envolveu-se de novo na capa e afastou-se na direção do Salão; mas antes de ele desaparecer os olhos arregalados do velho cozinheiro tinham-se fechado e ele ressonava.

Quando o velho cozinheiro acordou, o Sol começava a pôr-se. Ele esfregou os olhos e sentiu um arrepio, pois o ar outonal estava fresco.

— Brrr, que sonho! — exclamou — Deve ter sido a carne de porco que comi ao almoço.

A partir desse dia, receou tanto voltar a ter sonhos maus daquele gênero que mal ousava comer alguma coisa, com medo de que o transtornasse, e as suas refeições tornaram-se muito breves e simples. Não tardou a emagrecer e as roupas e a pele pendiam-lhe em pregas e rugas. As crianças chamavam-lhe velho Pele-e-Osso. Depois, durante algum tempo, descobriu que podia andar de novo pela aldeia e caminhar apenas com a ajuda de uma bengala. E viveu muitos mais anos do que de outro modo teria vivido. Diz-se até que completou um século de existência: a única coisa memorável que jamais fez. Mas até ao seu último ano ouviram-no dizer a quem o queria ouvir: "Alarmante, pode-se dizer, mas um sonho pateta, quando pensamos melhor. Rei do Reino das Fadas! Nem tinha varinha de condão! E se deixamos de comer, emagrecemos. É natural! Salta aos olhos. Não há nenhuma magia nisso."

Chegou o dia do Banquete dos Vinte e Quatro. Smith estava presente para cantar e a sua mulher para ajudar a tratar das crianças. Smith observava-as, enquanto cantavam e dançavam, e pensava que eram mais bonitas e mais vivas do que tinham sido no seu tempo. Por momentos, pensou até no que teria Alf feito no seu tempo livre. Qualquer das crianças parecia em condições de encontrar a estrela. Mas os seus olhos pousavam com mais freqüência em Tim: um rapazinho gorducho, desajeitado dançando, mas com uma bonita voz para cantar. À mesa manteve-se silencioso, vendo afiar a faca para o corte do Bolo. De súbito, pediu, na sua vozinha delicada:

— Querido Sr. Cozinheiro, corte-me uma fatia pequenina, por favor. Já comi tanto que me sinto muito cheio.

— Está bem, Tim — respondeu Alf — Corto-te uma fatia especial. Acho que irá para baixo lindamente.

Smith observou, enquanto Tim comia o bolo devagar, mas com evidente prazer. No entanto, pareceu decepcionado por não encontrar nenhuma prenda nem nenhuma moeda. Mas não tardou a brilhar-lhe uma luz nos olhos e ele riu-se e ficou alegre, e cantou baixinho, para si. Depois levantou-se e começou a dançar sozinho, com uma estranha

graça que nunca antes evidenciara. Os outros garotos riram-se e bateram palmas.

"Está então tudo bem", pensou Smith. "É o meu herdeiro. A que estranhos lugares te conduzirá a estrela? Pobre velho Nokes! Suponho que nunca saberá que coisa surpreendente aconteceu na sua família."

Nunca soube, de fato. Mas no Banquete aconteceu uma coisa que lhe agradou imensamente. Antes de a festa acabar, o Mestre Cozinheiro despediu-se das crianças e de todos os presentes:

— Agora digo-lhes adeus. Dentro de um dia ou dois vou-me embora. Mestre Harper está em perfeitas condições de me substituir. É muito bom cozinheiro e, como sabem, é desta aldeia. Eu regressarei à minha terra. Não creio que sintam a minha falta.

As crianças despediram-se dele alegremente e agradeceram-lhe muito o seu bonito Bolo. Só o pequeno Tim lhe pegou na mão e disse, serenamente: "Tenho pena."

Na aldeia houve de fato algumas famílias que sentiram a falta de Alf durante algum tempo. Alguns dos seus amigos, especialmente Smith e Harper, lamentaram a sua partida e conservaram o Salão dourado e pintado em memória de Alf. A maioria das pessoas, porém, ficaram contentes. Tinham-no tido durante muito tempo e não lhes desagradava uma mudança. Mas o velho Nokes bateu com a bengala no chão e declarou sem rodeios: "Partiu finalmente! E eu, por mim, estou contente. Nunca gostei dele. Era manhoso. Muito esperto, pode-se dizer."

A FOLHA DE NIGGLE

Houve certa vez um homenzinho chamado Niggle[7], que precisava fazer uma longa viagem. Ele não queria ir, e de fato a idéia toda lhe repugnava, mas não havia como escapar. Ele sabia que precisaria partir algum dia, mas não se apressava com os preparativos.

Niggle era pintor. Não muito bem-sucedido, em parte porque tinha muitas outras coisas a fazer. A maioria dessas coisas ele considerava aborrecimentos, mas as fazia até que muito bem quando não conseguia se livrar delas, o que (em sua opinião) era freqüente demais. As leis de seu país eram bastante rígidas. Havia também outros impedimentos. Por um lado, às vezes ele só ficava ocioso e não fazia nada. Por outro, era bondoso de certo modo. Você conhece esse tipo coração mole — mais o deixava desconfortável do que o obrigava a fazer algo; e, mesmo quando fazia, isso não o impedia de resmungar, perder a paciência e praguejar (normalmente para si mesmo). Ainda assim, proporcionava-lhe um bocado de serviços ocasionais para seu vizinho, o sr. Parish, que tinha uma perna coxa. Ocasionalmente ele até ajudava pessoas de mais longe se viessem lhe pedir. De vez em quando também se lembrava de sua viagem e começava a empacotar algumas coisas de forma ineficaz — nessas ocasiões não pintava muito.

Tinha alguns quadros já começados. A maioria era grande e ambiciosa demais para sua habilidade. Era o tipo de pintor que sabe pintar folhas melhor do que árvores. Costumava gastar muito tempo numa única folha, tentando capturar sua forma, seu lustro e o brilho refletido das gotas de orvalho em suas beiradas. Mas queria pintar uma árvore inteira, com todas as folhas no mesmo estilo, e todas elas diferentes.

Havia um quadro em particular que o incomodava. Começou com uma folha levada pelo vento e tornou-se uma árvore; e a árvore cresceu, originando inúmeros galhos e criando as mais fantásticas raízes. Vieram pássaros estranhos que pousaram nos ramos e exigiram atenção.

Então, em todo o entorno da Arvore, e atrás dela, através das lacunas entre as folhas e os galhos, começou a abrir-se uma paisagem; e havia vislumbres de uma floresta avançando terra adentro e de montanhas com picos nevados. Niggle perdeu o interesse pelos outros quadros, ou então os pregou nas beiradas de sua grande pintura. Logo a tela cresceu tanto que ele precisou arrumar uma escada; e subia e descia por ela depressa, acrescentando um toque aqui e acertando uma parte ali. Quando vinha gente visitá-lo, ele parecia bastante cortês, apesar de remexer um pouco com os lápis na escrivaninha. Escutava o que diziam, mas no fundo estava o tempo todo pensando em sua grande tela, no galpão alto que fora construído para ela em seu jardim (num canteiro onde um dia plantara batatas).

Não conseguia livrar-se de seu coração mole. "Gostaria de ser mais decidido!", dizia às vezes a si mesmo, querendo dizer que gostaria que os problemas dos outros não o deixassem desconfortável. Mas por muito tempo não se perturbou seriamente. "Seja como for, vou terminar este quadro, meu verdadeiro quadro, antes de precisar partir nessa infeliz viagem", costumava dizer. No entanto estava começando a ver que não podia adiar a partida indefinidamente. O quadro precisaria parar de crescer e ser terminado.

Um dia, Niggle parou a certa distância de seu quadro e o contemplou com atenção e imparcialidade incomuns. Não conseguia decidir o que achava dele, e desejou ter algum amigo que lhe dissesse o que pensar. Na verdade ele lhe parecia totalmente insatisfatório, apesar de muito atraente, o único quadro realmente bonito do mundo. Naquele momento o que lhe agradaria seria ver ele próprio entrar, dar-se um tapinha nas costas e dizer (com óbvia sinceridade): "Absolutamente magnífico! Consigo ver exatamente aonde você pretende chegar. Continue assim e não se preocupe com mais nada! Vamos conseguir uma pensão do governo para você não precisar se preocupar".

No entanto não havia pensão do governo. E uma coisa ele conseguia ver: precisaria de concentração, trabalho, trabalho duro e ininterrupto, para terminar o quadro, ainda que permanecesse daquele tamanho. Arregaçou as mangas e começou a se concentrar. Durante vários dias tentou não se incomodar com outras coisas. Mas veio uma tremenda safra de interrupções. As coisas deram errado em sua casa,

precisou sair para ser jurado na vila, um amigo distante ficou doente, o sr. Parish ficou de cama com lumbago, e não paravam de chegar visitantes. Era primavera, e eles queriam tomar um chá de graça no campo — Niggle morava numa agradável casinha a quilômetros da vila. Em seu íntimo rogava pragas contra eles, mas não conseguia negar que ele mesmo os convidara, lá atrás no inverno, quando não considerava uma "interrupção" visitar as lojas e tomar chá com conhecidos na vila. Tentou endurecer seu coração, mas não teve êxito. Havia muitas coisas às quais não se atrevia a dizer não, quer achasse que eram obrigações quer não; e havia algumas coisas que era obrigado a fazer, não importando o que pensasse. Alguns dos visitantes sugeriram que o jardim estava um tanto malcuidado, e que um Inspetor poderia visitá-lo. E claro que muito poucos sabiam do quadro, mas se soubessem não faria muita diferença. Duvido que pensassem que tinha muita importância. Arrisco-me a dizer que não era mesmo um quadro muito bom, apesar de talvez ter algumas partes boas. A Árvore, seja como for, era curiosa. Bastante singular à sua maneira. Assim como Niggle; mas ele era também um homenzinho bem comum e um tanto tolo.

Por fim o tempo para Niggle tornou-se algo realmente precioso. Seus conhecidos da vila distante lembraram que o homenzinho precisava fazer uma viagem incômoda, e alguns começaram a calcular por quanto tempo, no máximo, ele poderia adiar a partida. Perguntavam-se quem ficaria com sua casa, e se o jardim seria mais bem cuidado.

Chegou o outono, muito úmido e tempestuoso. O pintorzinho trabalhava em seu galpão. Estava no topo da escada, tentando capturar o brilho do sol poente no pico de uma montanha nevada que vislumbrara logo à esquerda da ponta frondosa de um dos galhos da Arvore. Sabia que precisaria partir logo — talvez no início do ano seguinte. Mal conseguiria terminar o quadro, e mesmo assim não como gostaria — havia alguns cantos onde já não teria tempo de fazer mais do que esboçar o que desejava.

Bateram à porta.

— Entre! — disse ele bruscamente, e desceu da escada. Ficou parado no chão mexendo no pincel. Era seu vizinho Parish, seu único vizinho de verdade; todas as outras pessoas moravam bem longe. Ainda

assim ele não gostava muito do homem, em parte porque muito freqüentemente tinha problemas e precisava de ajuda, e também porque não se importava com pintura, embora fosse bem crítico em relação à jardinagem. Quando Parish olhava para o jardim de Niggle (o que era comum), o que mais via eram ervas daninhas e, quando olhava para os quadros de Niggle (o que era raro), só via manchas verdes e cinzentas e linhas pretas, que lhe pareciam despropositadas. Não se importava em mencionar as ervas daninhas (um dever de vizinho), mas abstinha-se de emitir qualquer opinião sobre os quadros. Considerava isso muito amável, e não percebia que, mesmo sendo amável, não era amável o bastante. Ajudar com as ervas daninhas (e talvez elogiar os quadros) seria melhor.

— Bem, Parish, o que é? — perguntou Niggle.

— Eu não deveria interrompê-lo, sei disso — observou Parish (sem nem uma olhadela para o quadro).

— Você está muito ocupado, tenho certeza.

O próprio Niggle pretendia dizer algo parecido, mas perdeu a oportunidade. Tudo o que disse foi:

— Sim.

— Mas não tenho ninguém mais a quem recorrer — continuou Parish.

— É mesmo — retrucou Niggle dando um suspiro, um daqueles suspiros que são como um comentário de caráter privado, mas não totalmente inaudível — O que posso fazer por você?

— Minha mulher está doente faz dias, e estou ficando preocupado — disse Parish — E o vento arrancou metade das telhas do meu telhado, e a água está entrando no quarto. Acho que devia ir buscar o médico. E os empreiteiros também, só que eles demoram tanto para chegar. Queria saber se você teria madeira e lona sobrando, só para fazer uns remendos e me ajudar a passar um ou dois dias — Então olhou para o quadro.

— Puxa vida! — exclamou Niggle — Você está sem sorte. Espero

que a sua mulher não tenha nada mais que um resfriado. Vou até lá daqui a pouco ajudá-lo a levar a paciente para o andar de baixo.

— Muito obrigado — agradeceu Parish um tanto friamente — Mas não é um resfriado, é uma febre. Eu não o incomodaria por causa de um resfriado. E a minha mulher já está de cama no andar de baixo. Não posso subir e descer com bandejas, não com a minha perna. Mas estou vendo que você está ocupado. Lamento tê-lo incomodado. Na verdade eu esperava que você tivesse tempo para ir buscar o médico, vendo a minha situação, e o empreiteiro também, se você não tiver mesmo lona sobrando.

— Claro — disse Niggle. No entanto havia outras palavras em seu coração, que no momento estava simplesmente amolecido, sem nenhum sentimento de bondade — Eu poderia ir. Eu vou se você está mesmo preocupado.

— Estou preocupado, muito preocupado. Gostaria de não ser coxo — reclamou Parish.

Então Niggle foi. Era complicado, sabe. Parish era seu vizinho, e todos os outros moravam bem longe. Niggle tinha uma bicicleta, e Parish não tinha, e nem conseguiria andar numa. Parish tinha uma perna coxa, uma perna coxa de verdade que lhe causava dor intensa — era preciso lembrar-se disso além de sua expressão azeda e sua voz chorosa. É claro que Niggle tinha um quadro e bem pouco tempo para terminá-lo. Mas isso parecia ser uma coisa que Parish devia levar em conta, não Niggle. No entanto Parish não se importava com quadros, e Niggle não tinha como mudar isso. "Diacho!" disse para si mesmo ao pegar a bicicleta.

O clima estava úmido e instável, e a luz do dia já minguava. "Sem mais trabalho para mim hoje!" pensou Niggle, e durante todo o tempo em que pedalou ficou praguejando sozinho, ou imaginando suas pinceladas na montanha e no ramo de folhas ao lado dela, que imaginara pela primeira vez na primavera. Seus dedos se contorciam no guidão. Agora que saíra do galpão, enxergava exatamente a maneira de tratar aquele ramo lustroso que emoldurava a visão distante da montanha. Mas tinha uma sensação deprimente no coração, uma espécie de medo de jamais ter a oportunidade de tentar concretizar sua visão.

Niggle encontrou o médico e deixou um recado para o empreiteiro. O escritório estava fechado, e o empreiteiro voltara para casa, para a frente da lareira. Niggle ficou ensopado até os ossos e também se resfriou. O médico não saiu tão prontamente quanto Niggle. Chegou no dia seguinte, o que era bem conveniente para ele, já que passou a ter dois pacientes para tratar em casas vizinhas. Niggle estava de cama, com febre alta, e maravilhosos desenhos de folhas e ramos intricados formavam-se em sua cabeça e no teto. Não se sentiu melhor ao saber que a sra. Parish estava apenas resfriada e prestes a sair da cama. Virou o rosto para a parede e enterrou-se em folhas.

Ficou de cama por algum tempo. O vento continuava soprando. Arrancou ainda muitas telhas de Parish, e também algumas de Niggle — seu próprio teto começou a dar goteiras. O empreiteiro não veio. Niggle não se importou; não por um ou dois dias. Então se arrastou para fora e procurou comida (Niggle não tinha esposa). Parish não apareceu — a chuva afetara sua perna e lhe causara dores, e sua mulher estava ocupada enxugando a água com um esfregão e se perguntando se "aquele sr. Niggle" se esquecera de chamar o empreiteiro. Se visse a chance de pegar algo útil emprestado, teria mandado Parish até lá, com ou sem perna; mas não viu, de modo que Niggle foi abandonado.

Ao fim de uma semana, mais ou menos, Niggle saiu cambaleante e voltou ao galpão. Tentou subir a escada, mas isso lhe dava tontura. Sentou-se e contemplou o quadro, mas não havia desenhos de folhas nem visões de montanhas em sua mente naquele dia. Poderia ter pintado uma vista longínqua de um deserto arenoso, mas não tinha energia para tanto.

No dia seguinte, sentiu-se bem melhor. Subiu a escada e começou a pintar. Havia acabado de retomar a pintura quando soou uma batida à porta.

— Maldição! — exclamou Niggle. Mas poderia muito bem ter dito "Entre!" educadamente, porque a porta se abriu mesmo assim. Dessa vez entrou um homem muito alto, um completo estranho.

— Este é um estúdio particular — disse Niggle — Estou ocupado. Vá embora!

— Sou um Inspetor de Casas — retrucou o homem, erguendo o cartão de identificação para que Niggle o visse do alto da escada.

— Oh!

— A casa do seu vizinho não está nada satisfatória — comentou o Inspetor.

— Eu sei — concordou Niggle — Levei um bilhete aos empreiteiros faz muito tempo, mas eles nunca vieram. Depois fiquei doente.

— Entendo — disse o Inspetor — Mas não está doente agora.

— Mas eu não sou empreiteiro. Parish devia se queixar ao Conselho Municipal e conseguir ajuda do Serviço de Emergência.

— Eles estão ocupados com danos piores que os daqui — explicou o Inspetor — Houve uma enchente no vale, e muitas famílias estão desabrigadas. Devia ter ajudado seu vizinho a fazer consertos temporários para evitar que o reparo dos danos ficasse mais caro que o necessário. Essa é a lei. Há bastante material aqui: lona, madeira, tinta impermeável.

— Onde? — perguntou Niggle indignado.

— Ali! — respondeu o Inspetor, apontando o quadro.

— Meu quadro! — exclamou Niggle.

— Imagino que seja — continuou o Inspetor — Mas as casas vêm em primeiro lugar. Essa é a lei.

— Mas não posso... — Niggle não disse mais nada, porque naquele momento outro homem entrou. Era muito parecido com o Inspetor, quase um sósia: alto, todo vestido de preto.

— Venha comigo! — disse ele — Eu sou o Condutor. Niggle desceu da escada aos tropeços. Sua febre parecia ter retornado, e sua cabeça girava; sentia frio no corpo todo.

— Condutor? Condutor? — resmungou — Condutor do quê?

— Seu e do seu vagão — respondeu o homem — O vagão foi pedido há muito tempo. Finalmente chegou. Está esperando. Você parte hoje em sua viagem, você sabe.

— Aí está! — disse o Inspetor — Vai ter que ir, mas é uma forma ruim de sair de viagem, deixando seus serviços por fazer. Ainda assim, pelo menos agora podemos fazer algum uso dessa lona.

— Oh, puxa! — lamentou o pobre Niggle, começando a chorar — E não está nem terminado!

— Não está terminado? — perguntou o Condutor — Bom, pelo menos no que lhe diz respeito está acabado. Vamos embora!

Niggle se foi, de forma bastante pacífica. O Condutor não lhe deu tempo de fazer as malas, dizendo que ele deveria ter feito isso antes e que iriam perder o trem; então tudo o que Niggle pôde fazer foi apanhar uma sacola no hall. Descobriu que ela continha apenas um estojo de tintas e um livrinho com seus próprios esboços — nem comida nem roupas. Acabaram pegando o trem. Niggle sentia-se muito cansado e sonolento; mal tinha consciência do que estava acontecendo quando o enfiaram em seu compartimento. Não se importava muito — esquecera aonde devia estar indo, ou para que ia. Quase imediatamente o trem entrou num túnel escuro.

Niggle acordou numa estação ferroviária muito grande e sombria. Um Carregador percorria a plataforma gritando, mas não o nome do lugar; gritava Niggle!

Niggle saiu às pressas e percebeu que deixara sua sacola para trás. Virou-se, mas o trem já havia partido.

— Ah, aí está você! — disse o Carregador — Por aqui! O quê? Não tem bagagem? Vai ter que ir até a Casa de Trabalho.

Niggle sentiu-se muito mal e desmaiou na plataforma. Puseram-no numa ambulância e levaram-no à Enfermaria da Casa de Trabalho.

Ele não gostou nem um pouco do tratamento. O remédio que lhe davam era amargo. Os funcionários e auxiliares eram pouco amigáveis, silenciosos e rigorosos; e ele nunca via outras pessoas, exceto um médico

muito severo que o visitava de vez em quando. Era mais como estar na prisão do que no hospital. Ele tinha que trabalhar muito, em horários predeterminados, cavando, fazendo serviços de carpintaria e pintando tábuas nuas todas de uma só cor. Nunca o deixavam sair ao ar livre, e todas as janelas davam para dentro. Mantinham-no no escuro por horas a fio, "para pensar um pouco", diziam. Ele perdeu a noção do tempo. Nem ao menos começou a se sentir melhor, não se isso pudesse ser julgado pelo prazer que sentia em fazer qualquer coisa. Não sentia prazer, nem mesmo ao ir se deitar na cama.

No começo, mais ou menos durante o primeiro século (estou simplesmente transmitindo suas impressões), ele remoía inutilmente o passado. Repetia com freqüência uma coisa para si mesmo, deitado no escuro: "Eu devia ter ido ver Parish na primeira manhã depois que começou a ventania. Eu pretendia. As primeiras telhas soltas teriam sido fáceis de consertar. Aí a sra. Parish poderia nem ter se resfriado. Aí eu também não teria me resfriado. Aí eu teria uma semana a mais". Mas com o tempo se esqueceu para que queria uma semana a mais. Depois disso, só se preocupava com seus serviços no hospital. Ele os planejava, pensando em quanto tempo poderia fazer aquela tábua parar de ranger, ou recolocar aquela porta, ou reparar aquela perna de mesa. Provavelmente se tornou mesmo bastante útil, apesar de ninguém jamais lhe dizer isso. Mas essa, obviamente, não pode ter sido a razão pela qual ficaram tanto tempo com o pobre homenzinho. Podiam estar esperando que ele ficasse melhor, e avaliando esse "melhor" com base em algum estranho critério médico próprio.

Seja como for, o pobre Niggle não tinha prazer na vida, não o que se acostumara a chamar de prazer. Certamente não estava se divertindo. Mas não se pode negar que ele começava a vivenciar um sentimento de, bem, satisfação — pão, não geléia. Era capaz de pegar uma tarefa no momento em que soava um sino e imediatamente deixá-la de lado no momento em que soava outro, toda bem-feita e pronta para ser retomada no tempo certo. Conseguia fazer muita coisa em um dia agora; acabava com esmero os serviços pequenos. Não tinha "tempo para si" (exceto quando estava sozinho em sua cela-dormitório), e ainda assim estava se tornando senhor de seu tempo — começava a saber exatamente o que podia fazer com ele. Não havia sensação de pressa.

Agora estava interiormente mais tranqüilo, e na hora do descanso conseguia realmente descansar.

Então, de repente, alteraram todos os seus horários: mal o deixavam ir para a cama, tiraram-no de vez da carpintaria e o deixaram só cavando, dia após dia. Ele suportou isso até que muito bem. Passou-se muito tempo antes que começasse a vasculhar o fundo da mente à procura dos praguejamentos que praticamente esquecera. Continuou cavando até que as costas parecessem quebradas, as mãos ficassem em carne viva e ele sentisse que não suportaria outra pazada. Ninguém lhe agradeceu. Mas o médico veio e olhou para ele.

— Chega! — disse ele — Repouso absoluto, no escuro.

Niggle estava deitado no escuro, repousando absolutamente. Desse modo, como não estava sentindo nem pensando nada, pode ter ficado deitado ali por horas ou por anos, até onde sabia. Mas agora ouvia Vozes — vozes que jamais ouvira antes. Parecia haver uma Junta Médica, ou talvez um Tribunal de Inquérito, em sessão ali perto, possivelmente num recinto contíguo de porta aberta, apesar de ele não conseguir ver nenhuma luz.

— Agora o caso Niggle — disse uma Voz, uma voz severa, mais severa do que a do médico.

— Qual era o problema dele? — perguntou uma Segunda Voz, uma voz que se poderia chamar de moderada, apesar de não ser suave. Era uma voz com autoridade, e soava ao mesmo tempo esperançosa e triste — Qual era o problema de Niggle? O coração dele estava no lugar certo.

— Sim, mas não funcionava direito — retrucou a Primeira Voz — E sua cabeça não estava atarraxada com firmeza suficiente: ele mal pensava. Veja quanto tempo desperdiçou, nem mesmo se divertiu! Nunca se preparou para a viagem. Era moderadamente próspero, e no entanto chegou aqui quase sem recursos e teve que ser alocado na ala dos indigentes. Temo que seja um caso grave. Acho que deveria ficar mais algum tempo.

— Talvez não lhe faça nenhum mal — comentou a Segunda Voz

— Mas é claro que ele é só um homenzinho. Nunca se pretendeu que fosse grande coisa, e nunca foi muito forte. Vamos olhar os Registros. Sim. Há alguns pontos favoráveis, sabe.

— Talvez — disse a Primeira Voz —, mas muito poucos que realmente resistam ao exame.

— Bem — começou a Segunda Voz —, há estes. Era um pintor por natureza. Um pouco medíocre, é claro. Ainda assim, uma Folha por Niggle tem um encanto próprio. Esforçava-se muito com as folhas, apenas por elas próprias. Mas nunca achou que isso o tornasse importante. Não há anotação nos Registros de que ele imaginasse, nem mesmo consigo próprio, que isso desculparia seu descuido com as coisas determinadas pela lei.

— Então não deveria ter se descuidado de tantas — argumentou a Primeira Voz.

— Ainda assim, atendeu a vários Chamados.

— Uma porcentagem pequena, em sua maioria do tipo mais fácil, e ele os chamava de Interrupções. Os Registros estão repletos dessa palavra, juntamente com grande quantidade de queixas e imprecações tolas.

— É verdade, mas é claro que para ele pareciam interrupções, pobre homenzinho. E há isto: ele nunca esperava qualquer Retorno, como tantos de sua espécie dizem. Há o caso Parish, o que veio depois. Era vizinho de Niggle, nunca moveu uma palha por ele, e raramente demonstrou alguma gratidão. Mas não há anotação nos Registros de que Niggle esperasse a gratidão de Parish, ele nem parece ter pensado a respeito.

— Sim, esse é um ponto — disse a Primeira Voz — mas bem pequeno. Acho que você verá que muitas vezes Niggle simplesmente esqueceu. As coisas que precisava fazer para Parish, ele apagava da memória como um transtorno que tinha resolvido.

— Ainda assim, há este último relatório — insistiu a Segunda Voz —, aquele trajeto molhado de bicicleta. Quero enfatizar bastante isso. Parece óbvio que aquele foi um sacrifício genuíno. Niggle adivinhou que

estava jogando fora sua última chance com o quadro, e adivinhou também que Parish estava se preocupando desnecessariamente.

— Acho que você está enfatizando demais — disse a Primeira Voz — Mas a última palavra é sua. E sua tarefa, claro, dar a melhor interpretação dos fatos. Às vezes eles justificam isso. O que você propõe?

— Acho que agora é caso de um pouco de tratamento suave — concluiu a Segunda Voz.

Niggle pensou que jamais ouvira nada tão generoso quanto aquela Voz. Fazia Tratamento Suave soar como um carregamento de finos presentes e a convocação para o festim de um Rei. Então, de repente, Niggle sentiu-se envergonhado. Ouvir que era considerado caso de Tratamento Suave o desarmou e o fez enrubescer no escuro. Era como ser elogiado em público quando você e toda a platéia sabiam que o elogio não era merecido. Niggle escondeu seu rubor no cobertor áspero.

Houve um silêncio. Então a Primeira Voz falou com Niggle, bem de perto.

— Você andou escutando.

— Sim — disse Niggle.

— Bem, o que tem a dizer?

— Poderiam me contar algo sobre Parish? — perguntou Niggle — Gostaria de vê-lo outra vez. Espero que não esteja muito doente. Podem curar a perna dele? Ela costumava lhe dar muito trabalho. E, por favor, não se preocupem com ele nem comigo. Ele foi um ótimo vizinho e me conseguia excelentes batatas a um preço bem baixo, o que me poupou bastante tempo.

— É mesmo? — observou a Primeira Voz — Fico contente em ouvir isso.

Houve outro silêncio. Niggle ouviu as Vozes desaparecendo.

— Bem, concordo — ouviu a Primeira Voz dizer ao longe — Que ele vá para a próxima etapa. Amanhã, se você quiser.

Ao acordar, Niggle descobriu que as venezianas haviam sido abertas e que sua pequena cela estava repleta de luz do sol. Levantou-se e viu que haviam providenciado para ele roupas confortáveis, não um uniforme de hospital. Depois do desjejum o médico cuidou de suas mãos machucadas, colocando nelas um ungüento que as curou de imediato. Deu a Niggle alguns bons conselhos e um frasco de tônico (caso precisasse dele). No meio da manhã deram a Niggle um biscoito e uma taça de vinho, e depois uma passagem.

— Agora pode ir à estação ferroviária — disse o médico — O Carregador vai tomar conta de você. Adeus.

Niggle escapuliu pela porta principal, e piscou um pouco. O sol estava muito forte. Também tinha a expectativa de sair para uma cidade grande, que combinasse com o tamanho da estação, mas não foi assim. Estava no alto de um morro — verde, exposto, varrido por um vento penetrante e revigorante. Não havia mais ninguém por perto. Lá embaixo, ao pé do morro, podia ver o telhado da estação resplandecendo.

Caminhou vivamente, mas sem pressa, morro abaixo, rumo à estação. O Carregador reconheceu-o de imediato.

— Por aqui! — disse ele, e conduziu Niggle até uma plataforma onde estava parado um trenzinho local muito acolhedor: um vagão e uma pequena locomotiva, ambos muito brilhantes, limpos e recém-pintados. Era como se fosse a primeira viagem deles. Até a linha que se estendia diante da locomotiva parecia nova: os trilhos reluziam, os coxins estavam pintados de verde e os dormentes emitiam um delicioso cheiro de alcatrão à luz morna do sol. O vagão estava vazio.

— Aonde vai este trem, Carregador? — perguntou Niggle.

— Acho que ainda não determinaram o nome — respondeu o Carregador — Mas você vai encontrar sem problemas — Fechou a porta.

O trem partiu imediatamente. Niggle reclinou-se no assento. A pequena locomotiva avançou bufando por uma fenda profunda com altas escarpas verdes, encimada pelo céu azul. Não parecia ter se passado

muito tempo quando a locomotiva deu um apito, os freios foram acionados, e o trem parou. Não havia estação, nem tabuleta, só um lance de degraus que subiam pelo aterro verde. No alto da escada, uma catraca numa sebe aparada. Ao lado da catraca estava sua bicicleta — pelo menos se parecia com a sua, e havia uma etiqueta amarela amarrada ao guidão com NIGGLE escrito em grandes letras pretas.

Niggle passou pela catraca com um empurrão, saltou sobre a bicicleta e desceu o morro sob o sol da primavera. Logo descobriu que a trilha pela qual partira havia desaparecido, e a bicicleta rodava por cima de um maravilhoso gramado. Era verde e denso, e no entanto ele conseguia ver nitidamente cada folha. Parecia recordar que vira aquela extensão de grama em algum lugar ou sonhara com ela. De algum modo as curvas da paisagem eram familiares. Sim, o terreno estava ficando plano, como devia, e agora, é claro, começava a subir outra vez. Uma grande sombra verde interpôs-se entre ele e o sol. Niggle ergueu os olhos e caiu da bicicleta.

Diante dele estava a Árvore, sua Árvore, terminada. Se é que se podia dizer isso de uma Árvore que estava viva, com as folhas se abrindo, os ramos crescendo e se curvando ao vento que tantas vezes Niggle sentira ou adivinhara, e tantas vezes deixara de capturar. Olhou fixo para a Árvore e lentamente ergueu os braços e os abriu o quanto podia.

— É uma dádiva! — disse. Referia-se à sua arte e também ao resultado, mas estava usando a palavra de modo bem literal.

Continuou olhando para a Árvore. Todas as folhas nas quais já labutara estavam lá, como as imaginara e não como as fizera; e havia outras que tinham apenas germinado em sua mente, e muitas que poderiam ter germinado se ele tivesse tido tempo. Não havia nada escrito nelas, eram apenas folhas primorosas, e no entanto estavam datadas com a clareza de um calendário. Algumas das mais belas — e as mais características, os mais perfeitos exemplos do estilo de Niggle — pareciam produzidas com a colaboração do sr. Parish; não havia outro modo de expressá-lo.

Os pássaros estavam fazendo ninhos na Árvore. Pássaros

surpreendentes: como cantavam! Estavam acasalando, chocando, criando asas e saindo em vôo a cantar na Floresta, mesmo enquanto ele os olhava. Via agora que a Floresta também estava lá, abrindo-se de ambos os lados, e avançando para longe. As Montanhas reluziam ainda mais distantes.

Depois de algum tempo Niggle voltou-se para a Floresta. Não por estar cansado da Árvore, mas porque agora parecia tê-la com toda a clareza em sua mente, e ter consciência dela, e de seu crescimento, mesmo quando não a estava olhando. Quando se afastou, descobriu uma coisa esquisita: a Floresta, é claro, era uma Floresta distante, mas ele podia aproximar-se dela, até entrar nela, sem que ela perdesse aquele encanto característico. Nunca antes conseguira caminhar para o longe sem transformá-lo em simples arredores. Isso de fato acrescentava uma considerável atração à caminhada no campo, porque ao caminhar abriam-se novas lonjuras, de modo que havia lonjuras duplas, triplas e quádruplas, dupla, tripla e quadruplamente encantadoras. Era possível avançar mais e mais, e ter todo um país num jardim, ou num quadro (se preferisse chamá-lo assim). Era possível avançar mais e mais, porém talvez não para sempre. Havia as Montanhas em segundo plano. Elas se tornavam mais próximas, muito lentamente. Não pareciam pertencer ao quadro, a não ser como uma ligação para outra coisa, um vislumbre de algo diferente através das árvores, uma etapa posterior — outro quadro.

Niggle perambulou, mas não estava apenas passeando. Estava olhando em volta cuidadosamente. A Árvore estava terminada, mas não acabada — "Exatamente o contrário de como costumava ser", ele pensou —, e na Floresta havia diversas regiões não concluídas, que ainda precisavam de trabalho e reflexão. No ponto a que chegara, nada mais precisava ser alterado, nada estava errado, mas precisava ser continuado até um ponto definido. Em cada caso Niggle enxergava precisamente esse ponto.

Sentou-se embaixo de uma árvore distante, muito bonita — uma variação da Grande Arvore, porém bem peculiar, ou assim seria com um pouco mais de atenção —, e considerou onde começaria a trabalhar, onde terminaria e quanto tempo seria necessário. Não conseguiu montar direito seu plano.

— Claro! — disse ele — É de Parish que eu preciso. Há muitas coisas sobre terra, plantas e árvores que ele conhece e eu não. Este lugar não pode ficar sendo só meu parque particular. Preciso de ajuda e conselhos. Devia tê-los buscado antes.

Levantou-se e caminhou até o lugar onde decidira começar seu trabalho. Tirou o casaco. Então, lá embaixo, numa pequena baixada protegida que não podia ser vista de outro lugar, viu um homem olhando em volta de modo bastante desnorteado. Estava apoiado numa pá, mas claramente não sabia o que fazer. Niggle chamou-o.

— Parish! — gritou.

Parish pôs a pá no ombro e subiu até ele. Ainda coxeava um pouco. Não falaram, só acenaram a cabeça como costumavam fazer quando se cruzavam, mas agora caminharam juntos, de braços dados. Sem conversar, Niggle e Parish concordaram exatamente sobre onde fazer a casinha e o jardim, o que parecia ser necessário.

Enquanto trabalhavam juntos, ficou evidente que Niggle era agora o melhor dos dois em administrar o tempo e executar as tarefas. Curiosamente, era Niggle quem ficava mais absorto na construção e na jardinagem, enquanto Parish freqüentemente perambulava olhando as árvores, em especial a Árvore.

Certo dia Niggle estava ocupado plantando uma cerca viva, e Parish estava deitado na grama ali perto, olhando atentamente uma florzinha amarela, bonita e bem formada, que crescia no gramado verde. Niggle pusera muitas delas entre as raízes de sua Arvore bastante tempo antes. De repente Parish ergueu os olhos: seu rosto reluzia ao sol, e ele estava sorrindo.

— Isto é formidável! — disse ele — Na verdade eu não deveria estar aqui. Obrigado por me recomendar.

— Bobagem — respondeu Niggle — Não me lembro do que disse, mas de qualquer modo não foi o bastante.

— Ah, foi sim — emendou Parish — Assim saí muito antes. Aquela Segunda Voz, você sabe, ela me mandou para cá, disse que você tinha pedido para me ver. Eu lhe devo isso.

— Não. Você deve à Segunda Voz — corrigiu Niggle — Nós dois devemos.

Continuaram morando e trabalhando juntos, não sei por quanto tempo. Não adianta negar que no começo discordavam de vez em quando, especialmente quando ficavam cansados. Porque no começo ficavam cansados às vezes. Descobriram que ambos haviam recebido tônicos. Cada frasco tinha a mesma etiqueta: Tomar algumas gotas com água da Fonte antes de repousar.

Encontraram a Fonte no coração da Floresta; só uma vez, muito tempo atrás, Niggle a imaginara, porém nunca a havia desenhado. Agora percebia que ela era a nascente do lago que reluzia ao longe e o sustento de tudo o que crescia na região. As poucas gotas do tônico tornavam a água adstringente, um tanto amarga, mas revigorante, e desanuviavam a cabeça. Depois de beber eles repousavam sozinhos, e em seguida se levantavam de novo e tudo prosseguia alegremente. Nessas horas Niggle imaginava maravilhosas flores e plantas novas, e Parish sempre sabia exatamente como plantá-las e onde cresceriam melhor. Muito antes que os tônicos acabassem eles já não precisavam mais deles. Parish não mancava mais.

A medida que o trabalho ia terminando eles se permitiam cada vez mais tempo para caminhadas, olhando as árvores, as flores, as luzes e formas, e o relevo da região. Às vezes cantavam juntos; mas Niggle descobriu que começava a voltar os olhos para as Montanhas com cada vez mais freqüência.

Chegou um tempo em que a casa na baixada, o jardim, a grama, a floresta, o lago e toda a região estavam quase completos, a seu próprio e característico modo. A Grande Árvore estava em plena floração.

— Vamos terminar hoje à tardinha — disse Parish certo dia — Depois disso vamos fazer uma caminhada bem longa.

Partiram no dia seguinte, e andaram até atravessarem as lonjuras e chegarem à Beirada. É claro que ela não era visível — não havia linha, nem cerca, nem muro, mas sabiam que haviam atingido a margem daquela região. Viram um homem que parecia um pastor de ovelhas; caminhava na direção deles, descendo as encostas gramadas que

conduziam para o alto das Montanhas.

— Querem um guia? — perguntou ele — Querem prosseguir?

Por um momento uma sombra desceu entre Niggle e Parish, porque Niggle sabia que queria prosseguir, e (de certo modo) devia fazê-lo, mas Parish não queria prosseguir, e ainda não estava pronto para ir.

— Preciso esperar minha mulher — disse Parish a Niggle — Ela se sentiria solitária. Eu tinha entendido que eles a mandariam depois de mim, em alguma época, quando ela estivesse pronta e quando eu tivesse ajeitado as coisas para ela. Agora a casa está terminada, o melhor que conseguimos, mas eu gostaria de mostrá-la a ela. Ela vai poder melhorá-la, imagino, deixá-la mais aconchegante. Espero que ela goste desta região também — Voltou-se para o pastor — Você é um guia? — perguntou — Poderia me dizer o nome desta região?

— Você não sabe? — disse o homem — É a Região de Niggle. É o Quadro de Niggle, ou quase tudo, uma pequena parte agora é o Jardim de Parish.

— Quadro de Niggle! — disse Parish abismado — Você imaginou tudo isto, Niggle? Nunca soube que era tão esperto. Por que não me contou?

— Ele tentou contar muito tempo atrás — revelou o homem —, mas você não olhava. Ele só tinha tela e tinta naqueles dias, e você queria remendar seu telhado com elas. Isto é o que você e sua mulher costumavam chamar de Bobagem de Niggle, ou Aqueles Borrões.

— Mas naquela época não tinha este aspecto, não era real — retrucou Parish.

— Não, naquela época era só um vislumbre, mas você poderia tê-lo enxergado se alguma vez tivesse achado que valia a pena tentar.

— Não lhe dei muita chance — interveio Niggle — Nunca tente explicar. Eu costumava chamá-lo de Velho Cavoucador de Terra. Mas o que importa? Agora moramos e trabalhamos juntos. As coisas poderiam ter sido diferentes, mas não melhores. Ainda assim, temo que vou precisar seguir adiante. Havemos de nos encontrar de novo, imagino.

Deve haver muitas coisas mais que podemos fazer juntos. Adeus! — Apertou a mão de Parish calorosamente; parecia uma mão boa, firme, honesta.

Virou-se e olhou para trás por um momento. As flores da Grande Arvore resplandeciam como uma chama. Todos os pássaros voavam no ar e cantavam. Então ele sorriu, acenou a cabeça para Parish e partiu com o pastor.

Ia aprender sobre ovelhas, sobre as altas pastagens, a olhar para um céu mais amplo, a caminhar mais e mais longe rumo às Montanhas, sempre subindo. Afora isso, não consigo adivinhar o que foi feito dele. Mesmo o pequeno Niggle em sua antiga casa conseguia apenas entrever as Montanhas ao longe, e elas entraram pelas beiras do seu quadro, mas como elas verdadeiramente são e o que existe além delas só quem as escalou é capaz de dizer.

— Acho que ele era um homenzinho tolo — opinou o Conselheiro Tompkins — Imprestável, na verdade. Não servia de nada para a Sociedade.

— Oh, não sei — retrucou Atkins, que não era ninguém importante, apenas um mestre-escola — Não tenho tanta certeza. Depende do que você quer dizer com servir.

— Sem serventia prática nem econômica — explicou Tompkins — Ouso dizer que ele poderia ter sido transformado em alguma espécie de engrenagem aproveitável se vocês, mestres de primeiras letras, conhecessem seu ofício. Mas não conhecem, e assim terminamos com gente inútil como ele. Se eu governasse este país, empregaria a ele e sua laia em algum serviço para o qual fossem adequados, lavando pratos numa cozinha comunitária ou coisa parecida, e trataria de garantir que trabalhassem direito. Ou os descartaria. Eu deveria tê-lo descartado muito tempo atrás.

— Tê-lo descartado? Quer dizer que o teria feito partir em viagem antes do tempo?

— Sim, se você insiste em usar essa velha expressão sem significado. Empurrá-lo pelo túnel para o grande Monte de Entulho, é

isso que quero dizer.

— Então você não acha que a pintura vale alguma coisa, que não vale a pena ser conservada, nem melhorada, nem mesmo usada?

— É claro que a pintura tem utilidades — respondeu Tompkins — Mas não havia como usar a pintura dele. Há muitas oportunidades para rapazes arrojados que não têm medo de novas idéias e novos métodos. Não para essas tolices antiquadas. Devaneios privados. Ele não seria capaz de desenhar um cartaz expressivo nem para salvar a própria vida. Sempre mexendo com folhas e flores. Uma vez perguntei-lhe por quê. Ele disse que as achava bonitas! Consegue acreditar nisso? Ele disse bonitas! "O quê, órgãos digestivos e genitais de plantas?", eu disse a ele, mas não tive resposta. Desperdiçador tolo.

— Desperdiçador — suspirou Atkins — Sim, pobre homenzinho, jamais terminou nada. Ora bem, as telas dele foram empregadas em "melhores usos" desde que ele se foi. Mas não tenho certeza, Tompkins. Lembra-se da grande, aquela que usaram para remendar a casa avariada vizinha à dele depois das ventanias e das enchentes? Encontrei um canto arrancado dela jogado num campo. Estava avariado, mas reconhecível: um pico de montanha e um ramo de folhas. Não consigo tirá-lo da minha mente.

— Tirá-lo da sua o quê? — perguntou Tompkins.

— Do que vocês dois estão falando? — perguntou Perkins, intervindo em prol da paz.

Atkins enrubesceu bastante.

— Não vale a pena repetir o nome — comentou Tompkins — Nem sei por que estamos falando dele. Ele não morava na vila.

— Não — disse Atkins —, mas mesmo assim você estava de olho na casa dele. Era por isso que costumava ir visitá-lo e zombar dele enquanto bebia seu chá. Bem, agora você tem a casa dele e a da vila, portanto não precisa ter ressentimentos quanto ao seu nome. Estávamos falando de Niggle, caso você queira saber, Perkins.

— Oh, o coitadinho do Niggle! — lamentou Perkins — Nem

sabia que ele pintava.

Essa foi provavelmente a última vez que o nome de Niggle foi mencionado numa conversa. No entanto Atkins guardou o pedaço do quadro. A maior parte dele esfarelou-se, mas uma bela folha ficou intacta. Atkins mandou emoldurá-la. Mais tarde legou-a ao Museu Municipal, e por muito tempo "Folha: por Niggle" lá esteve pendurado num nicho, e poucos olhos a notaram. Mas por fim o Museu foi destruído por um incêndio, e a folha e Niggle foram inteiramente esquecidos em sua antiga região.

— Está demonstrando ser muito útil de fato — disse a Segunda Voz — Para férias e para repouso. E esplêndida para convalescença, e não apenas para isso, para muitos é a melhor apresentação às Montanhas. Faz milagres em alguns casos. Estou mandando cada vez mais gente para lá. Raramente precisam voltar.

— Isso é verdade — assentiu a Primeira Voz — Acho que precisamos dar um nome à região. O que sugere?

— O Carregador resolveu isso algum tempo atrás — respondeu a Segunda Voz — Trem para Niggle's Parish{8} na plataforma. Já faz bastante tempo que ele vem gritando isso. Niggle's Parish. Mandei uma mensagem aos dois para contar.

— O que disseram?

— Os dois riram. Riram, e as Montanhas ressoaram com as risadas!

FIM

{1} Disparate rimado, ou rima sem nexo. (N. do T.)

{2} O nome era usado por uma princesa de Gondor pela qual Aragorn reclamava ser descendente da linha meridional. Era também o nome de uma filha de Elanor, filha de Sam, mas o nome se relaciona com a poesia, deve derivar dela: não poderia ter surgido em Westmarch.

{3} Grindwall era um pequeno embarcadouro na margem norte do Withywindle; ficava fora do Hay e era, assim, bem vigiado e protegido por uma grind ou vedação que avançava pela água. Breredon (Colina da Roseira Brava) era uma pequena aldeia numa elevação por trás do embarcadouro, na estreita língua de terra entre o termo de High Hay e o Brandywine. No Mithe, o escoamento de Shirebourn, havia um desembarcadouro, donde partia um caminho para Deephallow e para a estrada de Causeway que passava por Rushey e Stock.

{4} Na verdade devem ter-lhe dado este nome (é bucklandês na forma) para juntar a muitos outros mais antigos.

{5} Abreviatura de apprentice — "aprendiz", em inglês. (N. da T.)

{6} Smithson quer dizer "filho de ferreiro" e Smith significa "ferreiro". (N. da T.)

{7} Em inglês, "to niggle" significa "preocupar-se com ninharias". (N. T.)

{8} "Distrito de Niggle". (N. T.)